



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

VALENTINA SOFIA SILVA SANDRI

**REVISTA UNA:  
O FEMINISMO PARA JOVENS LEITORAS**

BRASÍLIA, BRASIL

2018

VALENTINA SOFIA SILVA SANDRI

**REVISTA UNA:**  
O FEMINISMO PARA JOVENS LEITORAS

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de grau Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional, sob orientação do Prof. Dr. Felipe Polydoro.

BRASÍLIA, BRASIL

2018

VALENTINA SOFIA SILVA SANDRI

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional, submetida à aprovação de Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro – Orientador  
Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

---

Prof. Dra. Gabriela de Freitas – Examinadora  
Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

---

Prof. Dra. Eliane de Sousa

---

Prof. Dra. Elen Geraldês – Suplente  
Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai, Adriano, que sempre me deu todo suporte, muito amor e vários ensinamentos para que eu pudesse alcançar todas minhas conquistas, incluindo, essa. Você é minha inspiração.

Ao meu orientador, Felipe, que abraçou a ideia, acreditou no meu potencial e me deu todo apoio que precisei.

À professora Gabriela, que disponibilizou seu tempo e ajudou, com muito carinho, a parte gráfica da revista.

À Eliane e à Elen, por aceitarem fazer parte da banca avaliadora.

À Ayana, por fazer as ilustrações da revista com tanta boa vontade e entusiasmo.

À Juliana, ao João Paulo e ao João Matheus, pela ajuda na confecção do produto, além do apoio emocional. Também, à todas as minhas amigas e amigos que estiverem comigo ao longo desse ano me ouvindo, emprestando livros, dando opiniões e suporte sempre que precisei. Vocês foram importantíssimos durante essa etapa da minha vida.

À Elizabeth, uma menina que, cheia de questionamentos aos nove anos, me mostrou como a educação transforma.

À todas as mulheres que lutam e lutaram por nossos direitos. E à todas que me mostram, diariamente, como ser mulher é lindo e poderoso. Juntas, somos mais fortes.

## RESUMO

Este é o memorial descritivo sobre a realização da Revista UNA, projeto de conclusão de curso de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional. O produto tem como assunto principal a luta feminista e é destinado a meninas de 15 a 18 anos. Na edição realizada, o tema abordado é o trabalho e as questões que envolvem o feminismo. A Revista UNA, portanto, se propõe levar discussões sobre feminismo à jovens de forma profunda, mas sem deixar de ser uma leitura prazerosa. UNA de união. UNA de única, individual. UNA de “Ni una a menos”.

**Palavras-chave:** Mulheres; Feminismo; Revista; Jovem; Comunicação Organizacional.

## **ABSTRACT**

This article is a descriptive memorial concerning the creation of Revista UNA, the final thesis of Social Communication course with qualification in Organizational Communication. The product has as its main theme the feminist struggle and is aimed at girls from 15 to 18 years. In the edition made, the topic addressed is the work and the issues that involve the feminism. In this sense, Revista UNA proposes to take discussions about feminism to the young in a profound way, but still with a pleasant reading. UNA from union. UNA from unique, individual. UNA from “Ni una a menos”.

**Keywords:** Women; Feminism; Magazine; Young; Organizational Communication.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. PROBLEMA DA PESQUISA.....	4
3. JUSTIFICATIVA.....	5
4. OBJETIVOS.....	7
5. REFERENCIAL TEÓRICO .....	8
5.1 FEMINISMO.....	8
5.2 FEMINISMO E TRABALHO .....	11
5.3 COLABORAÇÃO .....	13
5.4 FEMINISMO E EDUCAÇÃO .....	15
6. METODOLOGIA .....	17
6.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	17
6.2 PRODUÇÃO .....	18
6.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	20
6.4 PROJETO GRÁFICO E RESULTADO FINAL.....	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	42
9. APÊNDICES.....	43
9.1 REFERÊNCIAS GRÁFICAS .....	43





## 1. INTRODUÇÃO

“O feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão” (HOOKS, 2000, *tradução da autora*, p.1)<sup>1</sup>. A luta feminista é importante porque o patriarcado e o machismo – mesmo que, muitas vezes, passem despercebidos – ainda imperam na sociedade em que vivemos. É importante porque chama atenção para temas e situações cotidianas que parecem simples, mas não têm nada de inofensivas.

A luta feminista gira em torno de diversos temas como papéis de gênero, classe, políticas sociais, trabalho, violência, economia, ecologia, entre vários outros. As atitudes patriarcais, enraizadas em nossa sociedade, prejudicam mulheres – e homens também - politicamente e socialmente todos os dias. Portanto, o feminismo é uma luta que deve ir além das mulheres.

O fato é que vivemos em uma sociedade patriarcal, baseada em um sistema que foi construído historicamente com base nos privilégios da classe masculina em detrimento da feminina. Situação refletida na ausência de mulheres nos livros de história, nos nomes da própria literatura, na participação da política. Uma sociedade que, apesar de apresentar contornos modernos, continua a escravizar a linguagem com suas formas masculinas [...] (MONTENEGRO, 2016) <sup>2</sup>

Uma forma de levar o feminismo adiante é tornar esses temas visíveis. É discutir e debater esses assuntos com toda a sociedade – independentemente de gênero, classe, raça ou idade. É produzir, cada vez mais, estudos sobre o tema. E, mais do que isso, produzir materiais que estejam ao alcance de todos.

Com o intuito de contribuir para um feminismo visionário e para a diminuição de atitudes sexistas na sociedade, para este trabalho, o tema escolhido foi “O feminismo no trabalho”. Dentro desse tema, as principais ideias abordadas são: a desconstrução do patriarcado, a importância do empoderamento feminino no ambiente de trabalho, os pensamentos e ações que prejudicam a força de trabalho das mulheres, a liderança, a sororidade entre mulheres, as atitudes sexistas no ambiente de trabalho e a luta das mulheres negras dentro do tema.

Para que uma mulher cresça pessoal e profissionalmente, é preciso criar e dar condições para que ela se sinta segura e autoconfiante. O empoderamento das mulheres no trabalho significa permitir que estas tenham mais controle sobre suas

---

<sup>1</sup> "Feminism is a movement to end sexism, sexist exploitation, and oppression."

<sup>2</sup>Acesso em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2016/06/28/por-que-o-feminismo-e-tao-importante-no-contexto-atual-brasileiro/>

vidas e mais liberdade para desenvolverem novas habilidades e, conseqüentemente, ganharem autoconfiança. Portanto, o empoderamento engloba tudo o que qualquer pessoa possa fazer para fortalecer as mulheres e desenvolver a igualdade de gênero.

O movimento feminista é avançado sempre que qualquer homem ou mulher de qualquer idade trabalha em nome do fim do sexismo. Esse trabalho não exige necessariamente que nos unamos às organizações; podemos trabalhar em nome do feminismo exatamente onde estamos (HOOKS, 2000, p. 116. *Tradução da autora*<sup>3</sup>).

Nos últimos anos, a importância da mulher enquanto força de trabalho tem sido mais debatida e trabalhada dentro do mercado em muitos países. Vários projetos estão sendo desenvolvidos e muitas empresas estão se adaptando e reestruturando a partir desse ponto. Porém, esse ambiente está longe de uma igualdade entre homens e mulheres ou da valorização feminina. Nas 500 maiores empresas do Brasil, por exemplo, apenas 28,2% possuem políticas que promovem igualdade de gênero (BRITO, 2018). Essa desigualdade está presente de diversas formas e vai além da diferença salarial. A falta de diversidade de gênero no local de trabalho ainda é um problema muito grande e as razões são diversas: desde quebras de normas sociais, falta de incentivos, até a falta de educação e conscientização do assunto.

Dentro desta questão, é importante que se trabalhe essa conscientização desde cedo. Uma garota que é empoderada se tornará uma mulher muito mais preparada para lidar com diversas situações do cotidiano que muitas vezes envolvem machismo e sexismo. Trabalhar, desde cedo, o potencial criativo, de colaboração e de liderança - além da autoconfiança - de meninas pode ajudá-las a se tornarem mulheres com força para ganharem seus espaços em qualquer área de atuação. Portanto, investir em meninas é, certamente, de onde devemos partir para construirmos um ambiente de trabalho mais justo e um futuro melhor para as mulheres.

Este trabalho surge, portanto, da ideia de falar sobre feminismo com uma abordagem mais lúdica e jovem, voltada para meninas. O produto desenvolvido é uma revista segmentada para o público feminino entre 15 e 18 anos, partindo de uma visão focada na desconstrução do sexismo, empoderamento feminino e, para a primeira

---

<sup>3</sup> “Feminist movement is advanced whenever any male or female of any age works on behalf of ending sexism. That work does not necessarily require us to join organizations; we can work on behalf of feminism right where we are.”

edição, no mercado de trabalho. Este tema foi escolhido pensando que, no contexto brasileiro atual, muitas meninas nessa faixa etária já estão trabalhando ou estão em fase de escolha profissional.

A primeira edição da revista UNA - nome escolhido por representar união e singularidade, ao mesmo tempo - aborda, dentro de 12 pautas, os temas citados por meio de matérias, crônicas, exemplos de mulheres inspiradoras, entrevistas, histórias em quadrinho, depoimentos e artigos de opinião. Assim, incentivando essas leitoras a serem meninas – e futuras mulheres – empoderadas, líderes e, acima de tudo, conscientes e atuantes.

## **2. PROBLEMA DA PESQUISA**

Como dito anteriormente, um dos objetivos deste trabalho é tornar mais acessível o debate sobre algumas das questões relacionadas ao feminismo. Assim, levar de maneira jovem o tema da luta feminista para meninas de 15 aos 18 anos.

Portanto, partindo da ideia da importância de se debater a questão do empoderamento feminino desde cedo e focando, para este trabalho, na desconstrução do patriarcado e do sexismo no ambiente profissional, o presente trabalho buscará responder a seguinte pergunta: como, por meio de um veículo de comunicação voltado para meninas, podemos construir uma perspectiva de trabalho inclusivo e igualitário?

### 3. JUSTIFICATIVA

O feminismo é um tema que deve ser ainda muito trabalhado, estudado e debatido dentro das universidades. Como citado anteriormente, o caminho para chegarmos à desconstrução do sexismo ainda é longo. Portanto, quanto mais este tema for aprofundado e levado à sociedade, mais perto estamos de alcançar esse objetivo. A universidade, então, se faz um local importante para o debate e fortalecimento do movimento. Por meio de discussões o feminismo alcança, sempre mais, modos reais de combater a opressão e exploração de gênero.

A institucionalização dos estudos das mulheres ajudou a divulgar o feminismo. Isso oferecia um local legítimo para conversão, fornecendo um corpo sustentado de mentes abertas. Alunas e alunos que participaram de aulas de estudos de mulheres estavam lá para aprender. Eles queriam saber mais sobre o pensamento feminista. E foi nessas aulas que muitos de nós acordamos politicamente. Cheguei ao pensamento feminista desafiando a dominação masculina em nosso lar patriarcal. Mas, simplesmente ser vítima de um sistema explorador ou opressor e até mesmo resistir não significa que entendamos porque isto está neste lugar ou como mudá-lo (HOOKS, 2000, p. 21. *Tradução da autora*<sup>4</sup>).

Como defendido por Bell Hooks (2000), é através da conscientização que as mulheres ganham força para desafiar as forças patriarcais no trabalho e em qualquer outro ambiente. Assim sendo, é importante que meninas saibam, desde cedo, as oportunidades e espaços que elas precisam lutar para conquistar dentro do mercado de trabalho. Apresentá-las a essas diferentes possibilidades é uma forma de mostrar uma das áreas de desenvolvimento profissional. Além disso, mostrar que no trabalho elas podem realizar suas características femininas, como a criatividade, de forma valorizada e economicamente rentável e trazendo ideias que contribuem com a sociedade.

É por meio de diversos formatos que podemos informar e fazer com que o pensamento feminista seja compreendido. A literatura é um deles e, dentro dela, são vários os estilos que podem ser explorados como forma de comunicação. Portanto, o feminismo precisa ser escrito em diversas maneiras para que alcance o máximo de indivíduos possível. O produto em questão tem como objetivo trabalhar a valorização

---

<sup>4</sup> “The institutionalization of women's studies helped spread the word about feminism. It offered a legitimate site for conversion by providing a sustained body of open minds. Students who attended women's studies classes were there to learn. They wanted to know more about feminist thinking. And it was in those classes that many of us awakened politically. I had come to feminist thinking by challenging male domination in our patriarchal household. But simply being the victim of an exploitative or oppressive system and even resisting it does not mean we understand why it's in place or how to change it.”

do trabalho feminino para a construção de uma sociedade menos sexista. E, para isso, é preciso construir essa comunicação com as meninas também.

A educação feminista para a consciência crítica é necessária. Infelizmente, o elitismo de classe moldou a direção do pensamento feminista. A maioria dos pensadores/teóricos feministas fazem seu trabalho no cenário de elite da universidade. Na maioria das vezes, não escrevemos livros infantis, não ensinamos em escolas de ensino fundamental ou apoiamos um lobby poderoso que tenha um impacto construtivo sobre o que é ensinado na escola pública. Comecei a escrever livros para crianças precisamente porque queria fazer parte de um movimento feminista que disponibilizava o pensamento feminista para todos (HOOKS, 2000, p. 113. *Tradução da autora*<sup>5</sup>).

Uma revista que aborde o tema e que estabeleça um diálogo com essas meninas pode ajudá-las a desenvolver suas ideias críticas desde cedo e, mais do que isso, fazer com que elas se sintam parte importante da sociedade e que se sintam confiantes para sonhar com inúmeras possibilidades. Assim, dentro do âmbito profissional, prepara essas meninas para o mercado de trabalho e o mercado de trabalho para essas meninas. A revista, portanto, contribui no rumo das mudanças mais profundas do valor do trabalho e nas questões do feminismo.

O trabalho também envolve a comunicação integrada, bastante discutida dentro do curso de Comunicação Organizacional. Uma revista é um instrumento que possibilita trabalhar diferentes áreas em um só projeto – como, por exemplo, produção, redação, planejamento gráfico e jornalismo. O tema escolhido leva o debate da importância de uma comunicação que integra mais que áreas, mas que passa a incluir pessoas também. Assim, gera um mercado de trabalho mais inclusivo para as mulheres.

---

<sup>5</sup> “Mass-based feminist education for critical consciousness is needed. Unfortunately class elitism has shaped the direction of feminist thought. Most feminist thinkers/theorists do their work in the elite setting of the university. For the most part we do not write children's books, teach in grade schools, or sustain a powerful lobby which has a constructive impact on what is taught in the public school. I began to write books for children precisely because I wanted to be a part of a feminist movement making feminist thought available to everyone.”

#### **4. OBJETIVOS**

Este trabalho propõe contribuir para o envolvimento de jovens meninas na luta feminista, especificamente, na questão da força de trabalho feminina. Portanto, o objetivo deste produto é aproximar meninas de 15 aos 18 anos da perspectiva política de que as mulheres precisam repensar o sistema vigente e lutar por mudanças no papel feminino dentro do sistema de trabalho. O meio para alcançar o objetivo é a publicação de uma revista que fale sobre as características do trabalho feminino, liderança, colaboração e desconstrução do sexismo.

Para alcançar isso, é necessário atingir os seguintes objetivos específicos:

- (i) Analisar e discutir a importância do empoderamento feminino no ambiente de trabalho;
- (ii) Mapear pensamentos e atitudes sexistas que prejudicam a força de trabalho feminina no âmbito profissional;
- (iii) Analisar e mapear ações que contribuem para a luta feminista no trabalho - liderança e colaboração feminina;
- (iv) Discutir o feminismo na educação como forma de tornar o ambiente de trabalho menos patriarcal e mais justo na questão de gênero, raça e classe.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1 FEMINISMO

As referências teóricas principais escolhidas foram as autoras Bell Hooks (2000), Chimamanda Ngozi Adichie (2015 e 2017), pensadoras e escritoras e defendem o feminismo e a luta da mulher negra, e Nadya Araujo Guimarães (2016), socióloga brasileira.

O tema central deste trabalho é o feminismo. O assunto escolhido poderia ter sido outro dentro da pauta dos direitos humanos e seria também muito importante para ser abordado com meninas. Porém, este produto tem o objetivo de somar na luta contra uma sociedade patriarcal e, como defende Adichie (2015), o problema de gênero é específico e singular.

Por que usar a palavra 'feminista'? Por que não dizer que acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?" Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral - mas escolher uma expressão vaga como direitos humanos é negar a especificidade e particularidade do problema do gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato (ADICHIE, 2015, p. 42).

Para Hooks (2000), o significado de feminismo, como citado anteriormente, é de que ele é um movimento para acabar com o sexismo. O problema que faz necessária a luta feminista, portanto, é o sexismo e a sociedade patriarcal vigente.

Ao nomear o sexismo como o problema, vamos diretamente ao cerne da questão. Basicamente, é uma definição que implica que todo pensamento e ação sexista é o problema, sejam aqueles que o perpetuam homens, mulheres, crianças ou adultos. Também é amplo o suficiente para incluir uma compreensão do sexismo institucionalizado sistêmico. Como definição, é aberta. Para entender o feminismo, é preciso entender necessariamente o sexismo (HOOKS, 2000, p. 01. *Tradução da autora*<sup>6</sup>).

Esta definição é importante porque mostra que o sexismo pode ser perpetuado por qualquer pessoa, inclusive, por mulheres. E, para acabar com o patriarcado,

---

<sup>6</sup> "By naming sexism as the problem it went directly to the heart of the matter. Practically, it is a definition which implies that all sexist thinking and action is the problem, whether those who perpetuate it are female or male, child or adult. It is also broad enough to include an understanding of systemic institutionalized sexism. As a definition it is open-ended. To understand feminism it implies one has to necessarily understand sexism."



precisamos entender que somos todas e todos participantes na perpetuação do sexismo até mudarmos nossos pensamentos e nossas ações.

À medida em que o movimento e o pensamento feminista avançaram, outra consideração importante foi feita por parte das ativistas. Muitas feministas entenderam que os homens não eram o problema, o problema era o patriarcado. O movimento percebeu, então, que, sem os homens como aliados nessa luta, o feminismo não ganharia toda potencialidade que precisa para vencer os obstáculos da sociedade patriarcal. Além disso, Hooks (2000) diz que ninguém nasce feminista. Para a autora,

“Feministas são feitas, não nascem assim. Ninguém se torna uma defensora da política feminista simplesmente por ter o privilégio de ter nascido mulher. Como todas as posições políticas, as pessoas se tornam crentes na política feminista por meio da escolha e da ação”<sup>7</sup> (p.07).

O feminismo, portanto, não é um movimento feito para ensinar homens sobre o direito das mulheres somente. A ideia de que o feminismo não precisa ser trabalhado entre mulheres e meninas não é válida. A luta é para que, cada vez mais, o crescimento da consciência seja trabalhado com meninas e meninos, homens e mulheres em níveis profundos.

A autora defende o Feminismo Revolucionário e critica o Feminismo Reformista. A crítica se faz porque a autora acredita que o Feminismo Reformista deixa de incluir questões políticas importantes do feminismo. Para a autora, esse modo de pensar “tornou o feminismo mais aceitável porque sua suposição subjacente é que as mulheres podem ser feministas sem fundamentalmente desafiar e mudar a si mesmas ou a cultura”<sup>8</sup> (HOOKS, 2000, p.06)

Dentro da questão trabalhista, o pensamento reformista aborda a luta feminista no trabalho quase somente na questão de igualdade com os homens. Isso excluiu o debate e o pensamento de que a sociedade precisa de uma reestruturação geral, que vai além da igualdade entre mulheres e homens.

Já no Feminismo Revolucionário, questões como gênero, classe e raça são trabalhados em conjunto.

A conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de se aprender sobre o patriarcado como um sistema de dominação, como ele se

---

<sup>7</sup> “Feminists are made, not born. One does not become an advocate of feminist politics simply by having the privilege of having been born female. Like all political positions one becomes a believer in feminist politics through choice and action.”

<sup>8</sup> “Obviously this way of thinking has made feminism more acceptable because its underlying assumption is that women can be feminists without fundamentally challenging and changing themselves or the culture”.

tornou institucionalizado e como ele é perpetuado e mantido. A compreensão do modo como a dominação masculina e o sexismo eram expressos na vida cotidiana criava consciência nas mulheres sobre as formas pelas quais fomos vitimizadas, exploradas e, nos piores cenários, oprimidas<sup>9</sup> (HOOKS, 2000, p. 07. *Tradução da autora*).

A autora fala de um Feminismo Visionário que cria estratégias para empoderar todas as mulheres. Para fazer isso, porém, ela defende a ideia de que o movimento precisava ir além das agendas de direitos iguais e começar com questões básicas, como campanhas de alfabetização – trabalhando para o fim do analfabetismo funcional também. Assim, mulheres e homens podem começar a ter mais contato com os pensamentos feministas e entrar nos debates. É preciso que a teoria feminista seja escrita com linguagem mais acessível e compartilhada nas mais variadas formas possíveis, incluindo a oral.

Portanto, Hooks acredita que o movimento feminista foi – e ainda é - muito polarizado. De um lado, as reformistas focavam na igualdade de gênero somente. As revolucionárias, por sua vez, queriam que as mulheres tivessem mais direitos. E isso incluiu todas as mulheres, de fato – contemplando questões de classe e raça.

O feminismo, nos meios de comunicação, ainda tem pouca visibilidade. A autora diz que alguns programas de rádio e de televisão têm pautas sobre algumas questões de gênero. O problema, segundo ela, é que, apesar de existirem mais pessoas abertas à discussão de gênero e problemas que as mulheres passam, essas discussões nem sempre são sob uma perspectiva feminista. Nem sempre o patriarcado é colocado em discussão. Quase nunca o feminismo revolucionário tem espaço para discussão na mídia.

Como a *mass media* patriarcal não estava interessada na visão mais revolucionária (do feminismo), ela nunca recebeu atenção na imprensa tradicional. A visão de "libertação das mulheres" que capturou e ainda mantém a imaginação do público foi a que representava as mulheres como querendo o que os homens tinham. E essa foi a visão mais fácil de perceber. Mudanças na economia de nossa nação, depressão econômica, perda de empregos, etc., tornaram o clima maduro para os cidadãos de nossa nação aceitarem a noção de igualdade de gênero na força de trabalho<sup>10</sup> (HOOKS, 2000, p. 04. *Tradução da autora*).

---

<sup>9</sup> "Revolutionary feminist consciousness-raising emphasized the importance of learning about patriarchy as a system of domination, how it became institutionalized and how it is perpetuated and maintained. Understanding the way male domination and sexism was expressed in everyday life created awareness in women of the ways we were victimized, exploited, and, in worse case scenarios, oppressed."

<sup>10</sup> "Since patriarchal mass media was not interested in the more revolutionary vision, it never received attention in mainstream press. The vision of "women's liberation" which captured and still holds the public imagination was the one representing women as wanting what men had. And this was the vision that was easier to realize. Changes in our nation's economy, economic depression, the loss of jobs, etc., made the climate ripe for our nation's citizens to accept the notion of gender equality in the workforce."

## 5.2 FEMINISMO E TRABALHO

Atitudes sexistas – vindas de qualquer gênero – são grandes obstáculos para as mulheres no ambiente de trabalho. Os homens, por centenas de anos, foram tratados como o “sexo dominante” e, até hoje, refletem esse passado em atitudes machistas. Meninas e meninos crescem aprendendo linguagens corporais, discursos e ações de “autoridade” patriarcal e, muitas vezes, essas atitudes são despercebidas ou tratadas como normais, por serem, algumas vezes, muito sutis.

Além disso, pensamentos e atitudes – frutos da sociedade patriarcal – podem prejudicar, de diversas maneiras, a vida profissional de uma mulher. Vários medos passam pela cabeça de meninas e mulheres quando o assunto é vida profissional - “Será que sou boa o suficiente?”, “Eu não mereço o sucesso”, “Vai dar errado”, “Os outros são melhores que eu”. Tudo isso, mais uma vez, é fruto da sociedade em que vivemos, que criam meninas inseguras e que se sentem inferiores. O impacto dessa baixa autoestima no trabalho é maior do que as pessoas podem imaginar e é um problema tão grande quanto as atitudes sexistas.

Guimarães (2016), aborda o conceito de “economia do cuidado”, onde as mulheres foram colocadas na posição de cuidadoras dentro da sociedade. O trabalho de “cuidar”, porém, não é remunerado. Sobra, então, para as mulheres, jornadas de trabalho duplas ou triplas, que vão além da profissão escolhida. E esse problema só deixará de existir quando pararmos de associá-los a deveres “femininos” ou “masculinos”.

Mulheres que podem contratar provedoras profissionais de cuidado e ingressar no mundo mercantil em ocupações melhor remuneradas, mas que, ainda assim, no cotidiano familiar, seguem tendo sobre seus ombros uma carga desigual de trabalho suplementar de cuidado. Regras que também pesam sobre os ombros de outras mulheres, as que precisam vender no mercado dos serviços de cuidado a sua “natural” habilidade para assegurar o bem-estar do outro dependente (crianças, idosos), mas que também carecem de responder, no recôndito dos seus próprios lares, pelo cuidado dos filhos ou filhas, dos pais, dos irmãos ou irmãs, dos maridos ou companheiros. Em outras palavras, os “tetos de vidro” ou os “pisos pegajosos”, que estabelecem os limites para os anseios das mulheres por igualdade no mercado de trabalho, requerem, para ser removidos, que a política macroeconômica deixe de ser cega ao gênero. E tal cegueira não se remove sem a permanente vigilância dos direitos, sem a ação política das próprias mulheres em prol dos mesmos (GUIMARAES, 2016, p. 640).

Hooks (2000) problematiza a questão do trabalho na luta feminista e diz que trabalhar é diferente de dar liberdade às mulheres. O patriarcado é potencializado na

ideia do trabalho, por si, como forma de libertação. O sistema patriarcal capitalista precisa de mulheres exercendo funções trabalhistas também. E, para a autora, “dar direitos civis dentro do patriarcado tem se mostrado perigoso porque levou as mulheres a pensar que estamos melhores do que nós, que as estruturas de dominação estão mudando” (p.114)<sup>11</sup> Igualdade entre os sexos no ambiente de trabalho está ligada a várias outras questões – como salários iguais para serviços iguais.

A ênfase no trabalho como a chave para a libertação das mulheres levou muitas ativistas feministas brancas a sugerir que as mulheres que trabalhavam já “foram libertadas”. Com efeito, diziam à maioria das mulheres trabalhadoras: “O movimento feminista não é para você. O mais importante é eu sabia, em primeira mão, que trabalhar por salários baixos não libertava as mulheres pobres e da classe trabalhadora da dominação masculina<sup>12</sup> (HOOKS, 2000, p. 48. *Tradução da autora*).

A autora diz que essa ideia do feminismo reformista que liga libertação e trabalho está somente nas carreiras “bem pagas”. E essa ideia de trabalho não enquadra a maioria das mulheres de nossa sociedade. A discriminação de gênero ainda está longe de ser eliminada completamente porque, apesar de alguns direitos terem sido conquistados, a dominação masculina continua em outros ambientes, além do trabalho. Mas, a autossuficiência econômica é muito importante para a luta feminista e para a libertação da dominação patriarcal.

Positivamente, sabemos que, se uma mulher tem acesso à autossuficiência econômica, é mais provável que ela deixe um relacionamento em que a dominação masculina é a norma quando ela escolhe a liberação. Ela sai porque pode. Muitas mulheres põem em prática o pensamento feminista, escolhem a liberação, mas estão economicamente ligadas aos homens patriarcais de maneiras que tornam a tarefa difícil, se não totalmente impossível. A maioria das mulheres sabe, agora, o que algumas de nós sabíamos quando o movimento começou: que o trabalho não necessariamente nos libertaria, mas que esse fato não muda a realidade de que a autossuficiência econômica é necessária para que as mulheres sejam libertadas<sup>13</sup> (HOOKS, 2000, p. 49. *Tradução da autora*).

---

<sup>11</sup> “Giving civil rights within patriarchy has proved dangerous because it has led women to think that we are better off than we are, that the structures of domination are changing.”

<sup>12</sup> “The emphasis on work as the key to women's liberation led many white feminist activists to suggest women who worked were 'already liberated.' They were in effect saying to the majority of working women, 'Feminist movement is not for you.. Most importantly I knew firsthand that working for low wages did not liberate poor and working-class women from male domination.”

<sup>13</sup> “Positively we do know that if a woman has access to economic self-sufficiency she is more likely to leave a relationship where male domination is the norm when she chooses liberation. She leaves because she can. Lots of women engage feminist thinking, choose liberation, but are economically tied to patriarchal males in ways that make leaving difficult if not downright impossible. Most women know now what some of us knew when the movement began, that work would not necessarily liberate us, but that this fact does not change the reality that economic self-sufficiency is needed if women are to be liberated.”

A pensadora ainda defende um feminismo baseado no pensamento coletivo entre mulheres, um feminismo de irmandade e colaboração, que perpassa questões de raça e classe. É importante pensar no feminismo como uma luta onde não há exploração entre mulheres ou subordinação de classes. Um feminismo político baseado na solidariedade.

### 5.3 COLABORAÇÃO

A rivalidade entre mulheres construída pela sociedade as prejudicam em inúmeros aspectos. É importante que se entenda que a luta feminista é contra o patriarcado e as mulheres não estão umas contra as outras. O movimento, portanto, deve ser baseado em uma crescente solidariedade entre mulheres.

Vivemos em uma sociedade que criou as mulheres para serem rivais, para competir entre si pela atenção e amor de um homem. Como ensinou Simone Beavouir, essa foi a estratégia machista que a sociedade criou no intuito de dividi-las, enfraquecendo a união, e, assim, mantendo-as submissas, enquanto o homem foi educado para buscar o outro como cúmplice de suas conquistas (MONTENEGRO, 2016).<sup>14</sup>

Hooks (2000) defende o conceito de “irmandade”. A irmandade, para o feminismo, é muito poderosa, pois fortalece o movimento em vários aspectos, mas só funciona se não houver essa constante competitividade entre mulheres. A autora diz que isso faz parte de um compromisso compartilhado, onde devemos lutar contra o patriarcado e todas as formas de injustiça que ele traz.

Nadya Guimarães (2016) contribuiu para esse pensamento afirmando que as desvantagens socioeconômicas só serão superadas se houver ação coletiva das mulheres.

Em outras palavras, os “tetos de vidro” ou os “pisos pegajosos”, que estabelecem os limites para os anseios das mulheres por igualdade no mercado de trabalho, requerem, para ser removidos, que a política macroeconômica deixe de ser cega ao gênero. E tal cegueira não se remove sem a permanente vigilância dos direitos, sem a ação política das próprias mulheres em prol dos mesmos (GUIMARAES, 2016, p. 640).

A rivalidade e a competitividade feminina vêm de uma sociedade que internaliza o pensamento patriarcal nas meninas desde muito cedo. Muitas meninas crescem se vendo inferiores aos meninos, precisando de aprovação masculina de vários níveis. Crescem se comparado e julgando outras meninas. E, para mudar todo esse

---

<sup>14</sup> Acesso em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2016/06/28/por-que-o-feminismo-e-tao-importante-no-contexto-atual-brasileiro/>

pensamento, é preciso dar pensamento crítico e consciência à essas meninas e mulheres.

Já com os meninos, o contrário acontece. Os meninos crescem sem esse sentimento de rivalidade entre eles. Crescem na posição de superioridade dentro da sociedade, pois é assim que os foi ensinado.

O vínculo masculino era um aspecto aceito e afirmado da cultura patriarcal. Supunha-se, simplesmente, que os homens em grupos se uniriam, apoiariam uns aos outros, seriam jogadores de equipe, colocariam o bem do grupo sobre o ganho individual e o reconhecimento. O vínculo feminino não era possível dentro do patriarcado; foi um ato de traição. O movimento feminista criou o contexto para o vínculo feminino. Nós não nos ligamos contra os homens, nos ligamos para proteger nossos interesses como mulheres<sup>15</sup> (HOOKS, 2000, p. 14. *Tradução da autora*).

Porém, não existe solidariedade e colaboração se houver opressão entre as mulheres do movimento feminista. Hooks (2000) defende que, “enquanto as mulheres estiverem usando o poder de classe ou raça para dominar outras mulheres, a irmandade feminista não pode ser plenamente realizada”<sup>16</sup>(p.16). As mulheres negras, por exemplo, precisam lidar, cotidianamente, com a opressão do machismo e do racismo, principalmente, no Brasil. Mas, por muito tempo, o movimento feminista excluiu as mulheres negras de suas conquistas, sendo um movimento apenas para mulheres brancas de classe média. Portanto, a luta das mulheres negras foi – e ainda é –, muitas vezes, ignorada.

Quando mulheres com poder de classe usam, oportunisticamente, uma plataforma feminista enquanto minam políticas feministas que ajudam a manter um sistema patriarcal que acabará por subordiná-las, elas não apenas traem o feminismo; elas se traem. Voltando a uma discussão de classe, mulheres e homens feministas restaurarão as condições necessárias para a solidariedade. Assim, poderemos visualizar melhor um mundo em que os recursos são compartilhados e as oportunidades de crescimento pessoal são abundantes para todos, independentemente de sua classe.<sup>17</sup> (HOOKS, 2000, p. 43. *Tradução da autora*)

---

<sup>15</sup> “Male bonding was an accepted and affirmed aspect of patriarchal culture. It was simply assumed that men in groups would stick together, support one another, be team players, place the good of the group over individual gain and recognition. Female bonding was not possible within patriarchy; it was an act of treason. Feminist movement created the context for female bonding. We did not bond against men, we bonded to protect our interests as women.”

<sup>16</sup> “As long as women are using class or race power to dominate other women, feminist sisterhood cannot be fully realized.”

<sup>17</sup> “When women with class power opportunistically use a feminist platform while undermining feminist politics that help keep in place a patriarchal system that will ultimately re-subordinate them, they do not just betray feminism; they betray themselves. Returning to a discussion of class, feminist women and men will restore the conditions needed for solidarity. We will then be better able to envision a world where resources are shared and opportunities for personal growth abound for everyone irrespective of their class.”

Apesar de parecer um conceito complexo e difícil de se manter na realidade atual, a irmandade e colaboração entre mulheres pode ser percebida – mesmo que apenas em forma de debate, em algumas situações – cada vez mais. Hooks (2000) propõe a “irmandade real”, onde uma leva em consideração os interesses e necessidades de todas as outras mulheres envolvidas. Com empatia e solidariedade, a colaboração feminina se torna real.

#### 5.4 FEMINISMO E EDUCAÇÃO

Meninas e meninos crescem com inversões de papéis de gênero desde muito cedo. Quando crianças são criadas dentro do pensamento patriarcal, várias portas são fechadas para elas – independente do gênero. Como diz Adichie (2017), “se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial” (p.26).

Portanto, a educação feminista se faz necessária porque ensina essas crianças e jovens como se desvencilhar destes padrões sexistas que são impostos a eles. Além disso, muitas meninas crescem sabendo muito pouco sobre o feminismo e acham, muitas vezes, que o machismo nem existe mais – e esse é mais um motivo para a importância do pensamento feminista como forma de criar uma consciência crítica nessas garotas.

O movimento feminista futuro deve, necessariamente, pensar na educação feminista como significativa na vida de todos. [...]Ao falhar em criar um movimento educacional de massa para ensinar a todos sobre o feminismo, nós permitimos que a *mass media* patriarcal continue a ser o principal lugar onde as pessoas aprendem sobre o feminismo, e a maior parte do que aprendem é negativa. Ensinar pensamento feminista e teoria a todos significa que temos que ir além da palavra acadêmica e até da escrita.<sup>18</sup> (HOOKS, 2000, p. 77. *Tradução da autora*)

Quanto mais políticas públicas voltadas às jovens forem feitas, mais a luta contra o sexismo e o sistema patriarcal pode avançar. Há, portanto, várias formas de se concretizar isso, como, por exemplo, por meio da leitura.

A literatura infantil é um dos locais mais cruciais para a educação feminista e consciência crítica, precisamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas. [...] A educação pública para crianças tem que ser um lugar

---

<sup>18</sup> “Future feminist movement must necessarily think of feminist education as significant in the lives of everyone. [...] By failing to create a mass-based educational movement to teach everyone about feminism we allow mainstream patriarchal mass media to remain the primary place where folks learn about feminism, and most of what they learn is negative. Teaching feminist thought and theory to everyone means that we have to reach beyond the academic and even the written word.”

onde ativistas feministas continuam fazendo o trabalho de criar um currículo imparcial.<sup>19</sup> (HOOKS, 2000, p. 23. *Tradução da autora*)

---

<sup>19</sup> “Children's literature is one of the most crucial sites for feminist education for critical consciousness precisely because beliefs and identities are still being formed. [...] Public education for children has to be a place where feminist activists continue to do the work of creating an unbiased curriculum.”



## 6. METODOLOGIA

O presente produto é uma pesquisa experimental, com o intuito de entender como a abordagem do feminismo pode ser feita com jovens leitoras para levar a desconstrução do sexismo e, por consequência, abrir caminhos e possibilidades para as mulheres no mercado de trabalho. Para tal, a produção foi dividida em três etapas principais:

### 6.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O levantamento bibliográfico constituiu a primeira fase da metodologia: a fase da coleta de informações. Este primeiro momento teve o intuito de construir uma base sólida e confiável para os assuntos abordados no produto. Os instrumentos utilizados foram os livros e artigos citados no referencial teórico. Primeiramente, foi importante ter como base o pensamento de autoras como Bell Hooks e Chimamanda Ngozi Adichie para guiar o rumo do trabalho. Os três livros escolhidos foram: “*Feminism is for everybody*” (HOOKS, 2000), “Sejamos todos feministas” (ADICHIE, 2015) e “Para educar crianças feministas” (ADICHIE, 2017). O artigo “A igualdade substantiva e os novos desafios nas relações de gênero no trabalho” (2016), de Nadya Araujo Guimarães, também serviu de base para o trabalho.

Ainda dentro desta primeira fase, foi realizado um segundo levantamento, por meio de pesquisas bibliográficas, incluindo, desta vez, revistas, focado na identificação do que já tem sido produzido na área. Neste estudo, foi possível coletar referências para a construção das pautas da revista. Os livros escolhidos para o trabalho foram “Clube da luta feminista – Um manual de sobrevivência (para um ambiente de trabalho machista)” (BENNETT, 2016) e “Mulher Alfa – Liderança que inspira” (BRITO, 2018). O primeiro livro funciona como guia de ações para a luta contra o patriarcado dentro do ambiente de trabalho. Este guia serviu de inspiração, principalmente, para o conteúdo e pautas da revista. O segundo livro aborda o retrato da mulher brasileira e faz uma homenagem à sua autenticidade e criatividade para liderar sua vida pessoal e profissional.

Para servir como inspiração de abordagem, no quesito da comunicação visual e gráfica, as revistas “Anarok”, “Frankie” e “Capitolina”z foram utilizadas. Estas três revistas são destinadas ao público jovem, sendo que as duas últimas citadas são, especificamente, feitas para meninas. A revista “Capitolina”, que aborda temas sobre o feminismo, gerou um livro – “Capitolina – o poder das garotas” (BROWNE, PIÑEIRO

e SOTER, 2015) – que foi utilizado neste produto como fonte de pesquisa bibliográfica e base para produção das pautas da revista também, além de inspiração para adequação da linguagem com as leitoras. A revista “Anarok” serviu como referência de tipografias e ilustrações para o corpo da UNA. Já a “Frenkie” foi referência para ilustrações e capa.

Além de todas as referências citadas, um documento muito importante para o desenvolvimento deste trabalho foi o “Princípios de Empoderamento das Mulheres”, da Organização das Nações Unidas (ONU). Este documento traz um roteiro que direciona os esforços para que as mulheres sejam integradas em todos os níveis.

O terceiro levantamento bibliográfico foi feito com o foco na produção gráfica e na elaboração de um projeto gráfico base para a diagramação da revista. Para esta etapa, as autoras e autores escolhidos foram Sue Apfelbaum e Juliette Cezzar (2014), Lucienne Roberts (2009), Gavin Ambrose (2012) e Paul Harris (ano), Timothy Samara (2011) e Antonio Celso Collaro (2008). Além dos livros, foi montado um quadro de referências de diagramação, cores, tipografias, grids e layouts com base nos sites Issuu, Pinterest e Behancé.

A segunda fase deste trabalho, que aconteceu interligada com a primeira, foi a do mapeamento dos conceitos-chave essenciais – como a definição de “feminismo” da autora Bell Hooks – para o produto em questão e a teorização crítica dos levantamentos feitos. As escolhas e o entendimento destes conceitos foram essenciais para as fases que vieram logo em seguida – como, por exemplo, a de redação das pautas que irão compor a revista.

## 6.2 PRODUÇÃO

A terceira fase do trabalho foi a de produção da revista. Esta fase pode ser dividida em oito etapas: reunião e produção de pautas; projeto gráfico; entrevistas; redação; ilustração; logotipo; diagramação e revisão.

Para a produção da revista, primeiramente, foi realizada a reunião de pautas, para decisão do conteúdo que iria compor o material, número de páginas e desenhar os esboços da revista. Após esse primeiro momento, as pautas foram redigidas pensando nos temas, formatos, fontes/referências, redatores, enfoques e retrancas. Todas as escolhas foram pensadas, planejadas e produzidas pensando na adequação entre temas e linguagens com o público da revista.

As pautas escolhidas foram: (i) glossário feminista, servindo como facilitador da leitura que seguirá na revista e alimentando as discussões que giram em torno do tema; (ii) a importância do empoderamento feminino no ambiente de trabalho; (iii) a luta de mulheres negras dentro do ambiente de trabalho; (iv) dicas de como podemos diminuir a cultura machista no dia a dia (poção); (v) Atitudes machistas no ambiente de trabalho; (vi) autossabotagem feminina; (vii) escolhas profissionais independem de gênero (crônica); (viii) mulheres inspiradoras; (ix) ações que os meninos podem ter para se tornarem parte da luta feminista; (x) A colaboração entre mulheres no ambiente de trabalho (reportagem e entrevista); e (xi) materiais extras sobre o feminismo.

Em seguida, foram feitas entrevistas com as mulheres selecionadas previamente – as meninas da comunidade de mulheres que programam, chamada Pyladies, e com duas costureiras do coletivo da Cidade Estrutural, chamado Maria Costura. As entrevistas foram utilizadas como fontes ou para as pautas sobre colaboração.

Após isso, em um período de cinco semanas, toda a redação da revista foi realizada – matérias, crônicas, artigos de opinião, entrevista e depoimentos. Também foi pensado e redigido o editorial, explicando o intuito e as razões das escolhas feitas pela revista. Uma das pautas – sobre a mulher negra e o trabalho - foi redigida por uma convidada, Wemmia Anita, com intuito de dar lugar de fala a quem tem propriedade para redigir sobre o tema. A revisão e edição do conteúdo da revista foram realizadas algumas vezes antes do fechamento do produto.

Em paralelo com a parte de redação, o projeto gráfico foi desenvolvido com base nos livros citados anteriormente na pré-produção. Adequar visualmente o produto para que ele se encaixasse com a faixa etária da revista e passasse a mensagem proposta foi prioridade na execução do trabalho. Nesta fase, ficou decidido o formato da revista, a paleta de cores, as tipografias, a posição dos elementos visuais na capa, a paginação e o sumário. Todas as escolhas foram baseadas em uma pesquisa de referências<sup>20</sup>. As cores, por exemplo, foram escolhidas baseadas em ilustrações feministas e pensando em trazer movimento e energia. Além disso, a paleta buscou utilizar a cor rosa como principal, sem deixar com que isso remetesse a fragilidade.

---

<sup>20</sup> Encontram-se no apêndice do trabalho.

Quanto ao grid, foi optado por escolher apenas o número de colunas e o tamanho das margens. Essa decisão foi feita pensando que o grid oferece consistência para o projeto, porém pode causar repetição na diagramação. Para manter uma narrativa visual dinâmica, o grid principal foi o de três colunas. A variação de grid também foi feita em algumas páginas, dependendo do conteúdo.

Também em paralelo com todo o processo da revista, o logotipo para a marca foi pensado e desenhado. Apesar de um logo simples, a aproximação das letras no logotipo da revista gerou um símbolo que representa o nome “UNA”: união, unicidade, única.

As ilustrações da capa e algumas do interior da revista também foram desenvolvidas durante todo o processo de produção da revista pela ilustradora Ayana Saito. As colagens que compõem a revista foram desenvolvidas por João Paulo da Silva.

Por fim, tendo como base o projeto gráfico e o banco de referências produzido previamente, a diagramação da revista foi realizada no Adobe InDesign CS6<sup>21</sup>. Para isso, foram necessárias três semanas de trabalho e, ao longo deste processo, foram feitas diferentes versões de diagramação até que se chegasse na final.

### 6.3 PÓS-PRODUÇÃO

A última fase do trabalho foi a de impressão da revista. Antes do fechamento do produto, foram feitos vários testes de impressão para averiguar a qualidade das imagens e fotografias, tipografias, escolhas de papel e ajustes de diagramação, assegurando, assim, a qualidade do produto.

---

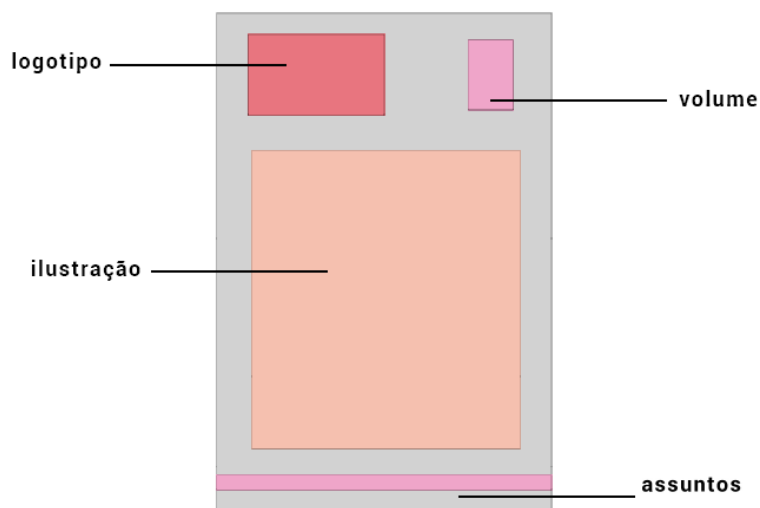
<sup>21</sup> *Software* de diagramação e organização de páginas.

## 6.4 PROJETO GRÁFICO E RESULTADO FINAL

O projeto gráfico feito para a revista inclui:

- (i) Capa – posição do logotipo, das informações e ilustrações.

### CAPA



- (ii) Logo – a tipografia utilizada foi a Oswald Bold com junção entre as letras para o efeito de união. Cor preferencial: branco.

### LOGO



- (iii) Formato – escolhas feitas em relação ao papel, às cores e à encadernação.

## **FORMATO**

### **Miolo:**

Papel: A4, couché 115 g

Cor: 4x4

Folha solta (52 paginas)

### **Capa:**

Papel:A4, couché 150 g

Cor: 4x4

(4 paginas)

### **Encadernação:**

Grampeamento

- (iv) Tipografias – O padrão tipográfico seguido foi importante para dar consistência e organização visual para a revista.

## TIPOGRAFIAS

### Titulos, Subtitulos, Paginação e Sutiãs

**OSWALD**

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ0123456789

Tamanho e Família: variados

### Textos e Legendas

**Quicksand**

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZabcdefghijklmnopqrstuvwxyz0123456789

Tamanho 10pt ou 8pt (para legendas)

Alinhamento justificado à esquerda

### Olhos e Detalhes

**Cedarville Cursive**

ABCDEF#&HJKLMNOPQRSTUVWXYZabcdefghijklmnopqrstuvwxyz0123456789

### Números especiais

**Dry Brush**

0123456789

- (v) Paleta de Cores – escolhidas com base em ilustrações de diferentes artistas.

## PALETA

R: 42  
G: 40  
B: 88



C: 94  
M: 97  
Y: 44  
K: 12

R: 97  
G: 167  
B: 162



C: 79  
M: 5  
Y: 41  
K: 0

R: 205  
G: 122  
B: 128



C: 4  
M: 68  
Y: 37  
K: 0

R: 186  
G: 47  
B: 80



C: 6  
M: 96  
Y: 57  
K: 0

R: 220  
G: 172  
B: 75



C: 6  
M: 38  
Y: 84  
K: 0

R: 225  
G: 222  
B: 213



C: 13  
M: 13  
Y: 18  
K: 0

R: 4  
G: 0  
B: 6



C: 84  
M: 83  
Y: 73  
K: 80

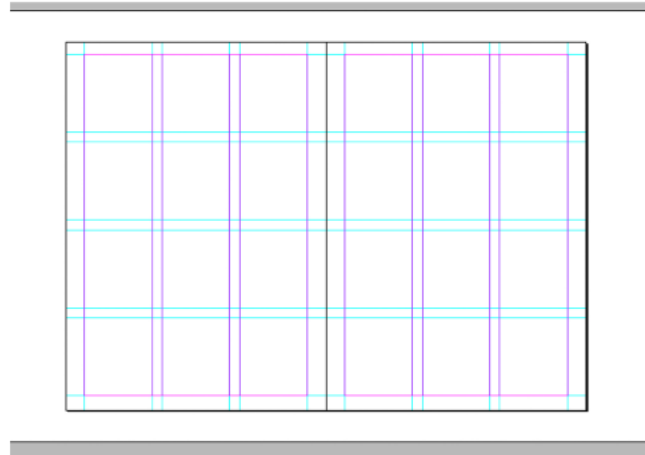




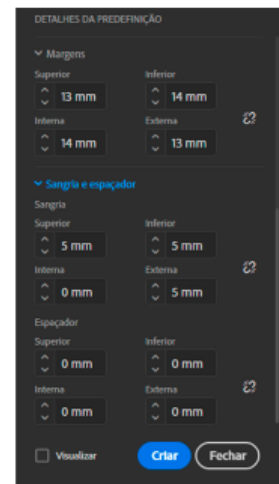
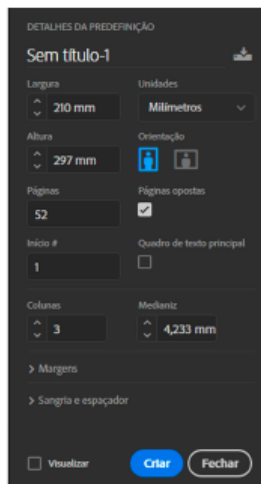
(vi) Grid

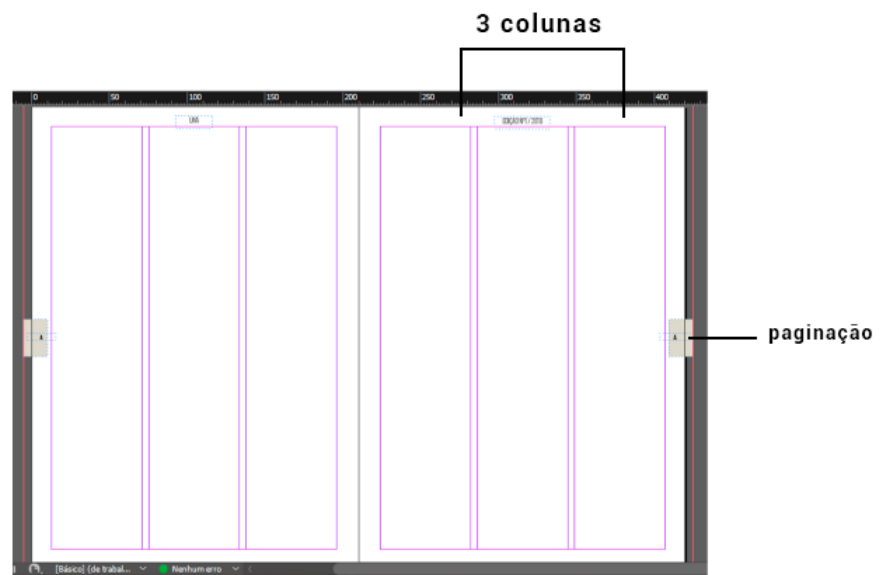
## GRID

O grid oferece consistência para o projeto, porém pode causar repetição na diagramação. Para manter uma narrativa visual dinâmica, o grid principal será o de três colunas, combinado com o grid modular. A variação de grid também será feita em algumas páginas, dependendo do conteúdo.



Todos os grids seguirão as mesmas margens





Aplicação do projeto gráfico na revista:





## EDITORIAL

### *Quêrda lectora,*

Crescer não é fácil. Amadurecer faz parte desse crescimento. Perceber como você e as pessoas ao seu redor funcionam, também. Com os anos, a gente passa a ter mais e mais consciência sobre várias coisas. É aí que começamos a entender que, na vida, nem tudo são flores como a gente gostaria. São vários desafios que precisamos enfrentar, principalmente, na adolescência.

Crescer como mulher é um desses desafios. É que desafia. Ser mulher é lindo, mas não é fácil, nunca foi – e ser mulher negra, transsexual, indígena, ou em situação de vulnerabilidade, menos ainda. Lutamos há séculos para mudar uma realidade social que inferioriza as mulheres e corta vários de nossos direitos. Mas, por causa dessa luta incessante, já conquistamos muita coisa.

Inspirada no feminismo e, principalmente, no pensamento da ativista Bell Hooks, a revista UNA foi feita para meninas jovens e aborda os mais diferentes temas para fortalecer o empoderamento feminino. Ela nasce, portanto, de um projeto pessoal que acredito que ainda há muito o que mudar, mas que não estamos sozinhas nesse caminho. No Brasil – e em vários outros países –, poucas mulheres crescem com o sorte de aprender a importância de se defender e lutar por direitos. Então, quanto mais mulheres pudermos fazer algo para mudar essa situação, melhor. Cada pequena ação vale.

UNA de união, UNA de união, individual UNA de "Ni una a menos".

E, nesta primeira edição, o que te espera? Uma pequena jornada pela equidade de direitos no mundo do trabalho.

*Com-uniada!*

Valentina Sandri

## SUMÁRIO

GLOSSÁRIO .....	6
LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER .....	8
NINGUÉM VAI PASSAR POR CIMA DE NÓS .....	12
VOCÊ ESTÁ SE SABOTANDO? .....	18
PROGRAME COMO UMA GAROTA .....	22
COSTURANDO LAÇOS DE FORÇA .....	30
CARA DO QUE QUISER .....	37
FEMINISPIRAÇÃO .....	36
A POÇÃO DA FORÇA FEMININA .....	72
MULHERES NEGRAS E IRMANDADE .....	77
QUEM DÁ DICA, AMIGA É .....	76
E OS MENINOS? ONDE ELAS ENTRAM? .....	78

# GLOSÁRIO



BREVES EXPLICAÇÕES DE ALGUNS TERMOS IMPORTANTES PARA MENINAS E MULHERES

## EMPODERAMENTO

Podere, já ouviu falar? Eles são reais. Ter poder é se fortalecer, ter autonomia, direitos iguais e ser livre nas suas escolhas. Mas eles só florescem por meio de conscientização, por isso o termo. Ah! Empoderamento é coletivo, tá? A gente se empodera e empodera as outras e os outros também.

## REPRESENTATIVIDADE

É quando um grupo se sente representado em vários aspectos da sociedade. É quando a gente olha alguém em um filme, novela, série, revista, etc. e pensa "eu sou igual a ela!". O problema é que muitas vezes essa representatividade não existe de verdade. Precisamos de imagens reais de meninas e mulheres (negras, indígenas, gordas, baixas, altas). Além disso, precisamos ser representadas como profissionais de todas as áreas e cargos.

## SORORIDADE

Já viu algum menino chamando o outro de "mano"? Pois é, somos todas "manas" também. Sororidade é irmandade. Esse termo existe, basicamente, para a gente entender que precisamos nos unir e ser solidárias e companheiras. Justas, somos (bem) mais fortes!

## SEXISMO

É o preconceito e discriminação de uma pessoa (na maioria das vezes, mulheres) por causa do sexo/gênero. Os sexistas querem nos colocar dentro de caixinhas e dizer o que podemos ou não podemos fazer como meninas. "Menina não sabe jogar vídeo game", "Engenharia é curso de menino".

## MACHISMO

Parece com esse último termo. São atitudes e comportamentos que valorizam um dos sexos (no caso, o masculino) e a desvalorizam o outro (no caso, o feminino). Exemplo? Quando usamos o palavra "trabalhadora" (e não "trabalhadora") para se referir a homens e mulheres. Mas o machismo pode aparecer em formas bem mais violentas também, como a violência doméstica.

## PATRIARCADO

"Forma de organização social em que predomina a autoridade paterna". É um sistema que acredita que homens adultos mandam (e têm o direito de mandar) em tudo, inclusive, nas mulheres. Chacado? Infelizmente, é nesse sistema que a gente vive, mesmo que muita gente não perceba.

## FEMINISMO

Movimento para acabar com o machismo, patriarcado e sexismo (e não com os homens), onde quer que ele esteja, mesmo que distorcido. IMPORTANTE: Feminismo não é o oposto de machismo! Deus para perceber, né?

## GÊNERO

Primeiro sexo e gênero são coisas diferentes. A divisão de sexo é a que a gente aprende nos aulas de biologia. Gênero é bem mais complexo. É uma construção social e cultural. Segundo: Muita gente acha que temos que ter comportamentos de gênero de acordo com o sexo que nascemos. Vários problemas nascem daí, por exemplo, muitas crianças crescem achando que carro é coisa de menino e boneca, de menina. Foi assim com você?

# LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER

Em um tempo não muito distante, acreditava-se que o papel da mulher era o de cuidar da família - cozinhar, lavar roupas, dar amor - e que os homens deviam trabalhar fora de casa e ter um salário que iria manter a esposa e os filhos. O papel que exercia, o doméstico, não seria valorizado e nem mesmo considerado "trabalho". A mulher não teria, então, liberdade financeira, nem de escolhas e estaria sempre subordinada ao marido.

Infelizmente, o sistema patriarcal ainda é uma realidade e esse tempo, que deveria ter ficado para trás, ainda é o presente de muitas mulheres. Mas, algumas coisas mudaram e continuam mudando. Esse "papel" imposto às mulheres, que antes parecia um consenso, passou a ser questionado.

Em alguns países, as meninas e mulheres começaram a ocupar mais escolas e universidades. Começaram a votar, a participar das decisões e a fazer políti-

ca. Começaram a ir às ruas e lutar por direitos iguais e liberdade. O mundo do trabalho, consequentemente, mudou também. Mulheres começaram a ocupar cargos que eram considerados "masculinos". O mundo começou a ver, então, mais mulheres cientistas, artistas, médicas, professoras e pesquisadoras, advogadas, empreendedoras, motoristas e pilotos... enfim, vemos, cada vez mais, mulheres com poder de escolhas e menos subordinadas fisicamente e emocionalmente.

Por causa disso, a importância da mulher no trabalho e o debate sobre equidade de direitos têm sido temas de destaque dentro do mercado em muitos países. Vários projetos estão sendo desenvolvidos e muitas empresas estão se adaptando e reestruturando a partir desses pontos. Além disso, é crescente, na sociedade brasileira, o reconhecimento do papel da mulher dentro das famílias e na sociedade, apesar de não ser ainda do jeito ideal.

Mas o que falta para falarmos que o mercado de trabalho é igual entre homens e mulheres? Muita coisa. Pesquisas mostram que as mulheres ainda têm um longo caminho a percorrer para obter o mesmo reconhecimento que os homens. A desigualdade nesse ambiente está presente de diversas formas. Começando pela diferença salarial. Mulheres continuam ganhando menos que os homens exercendo as mesmas funções.

Existe também um conceito chamado "teto de vidro", que explica uma realidade muito presente na vida profissional feminina: os barreiros invisíveis que precisamos ser enfrentados por causa da discriminação de gênero. Para muitas mulheres, existe um momento no caminho que é quase impossível ultrapassar, mesmo sabendo que os homens conseguem subir mais e mais degraus no mesmo cargo. Não há, também, quase nenhum estímulo para que mulheres ocupem cargos de liderança nas organizações.

Atitudes sexistas - vindas de ambos os sexos - são outro grande obstáculo para as mulheres no ambiente de trabalho e que são despercebidas ou tratadas como normais, por serem, algumas vezes, muito sutis. Atitudes que diminuem as mulheres e tiram todo o crédito pelo trabalho feito, por exemplo. Atitudes que, muitas vezes, vêm do desconhecimento de cada mulher e fazem com que ela se desmereça e tenha autoestima baixa. Mais uma vez, tudo isso é fruto da sociedade em que vivemos, que cria mentais inseguras e que se sentem inferiores.

Além disso, ainda se pensa que o mulher tem a responsabilidade de cuidar da casa e da família. O pai bom é aquele que "ajuda" o mãe - quando deveria ser uma divisão igual de responsabilidades e não somente uma "ajuda". Ou seja, o mulher acaba tendo uma jornada dupla, porque, além de trabalhar em casa, precisa de um trabalho remunerado. Não sobra tempo e energia, portanto, para capacitações, por exemplo.

Sem falar dos outros tantos tipos de preconceitos que são somados ao sexismo. As mulheres negras nunca foram impedidas de trabalhar e, por muitos anos, não ganharam um centavo pelas duras jornadas. O racismo e o sexismo continuam a prejudicá-las no ambiente de trabalho todos os dias. E as mulheres transsexuais precisam lutar contra o machismo e a transfobia para conseguir um emprego.

Pensando em algumas dessas questões, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres) e o Pacto Global das Nações Unidas lançaram orientações sobre como delegar poder às mulheres no ambiente de trabalho, mercado de trabalho e na comunidade. "Os Princípios de Empoderamento das Mulheres" (WEPF). Vale a pena conferir!

A página ao lado mostra dados sobre o cenário do trabalho feminino.

Apenas 20% dos pesquisadores do mundo são mulheres (ONU Mulheres)

Em 2015, a média de rendimento dos homens no Brasil foi de R\$ 2.306, enquanto das mulheres foi de R\$ 1.764. Ou seja, em média, as mulheres recebem 75,9% do rendimento recebido pelos homens (IBGE)

Em 2016, somente 27,8% das cargos gerenciais no país foram ocupados por mulheres (IBGE)

Os homens ganham mais que as mulheres em todos os cargos e áreas (Colômbia)

Igualdade de gênero no mercado de trabalho alcançada em 2195 (Fórum Econômico Mundial)

No mundo, em média, mulheres ganham 23% a menos do que os homens (OIT)

28,2% das mulheres brasileiras estavam ocupadas, em 2015, em trabalhos com carga horária de até 30 horas semanais. Entre os homens, esta proporção foi de 14,1% (IBGE)

Desemprego ainda é maior para as mulheres (OIT)

Em comparação com os homens, as mulheres ainda têm mais que o dobro de chances de serem trabalhadoras familiares não remuneradas (OIT)

A taxa global de participação das mulheres na força de trabalho foi em 48,5% em 2016. 25,5 pontos percentuais abaixo da taxa dos homens (OIT)

As mulheres negras representam apenas 0,4% das executivas em 500 maiores empresas de país (ONU)



Reconhecer o machismo, às vezes, é complicado. Ele aparece de várias formas e algumas delas são bem sutis. Individualmente, essas "coisinhas" (que não tem nada de -inhas) não parecem grande coisa. Mas acredite, elas são bem nocivas. Você vai notar que essas atitudes já fazem parte da sua vida e, no ambiente de trabalho, vão continuar sendo a menos que você parta para a ação! Por isso, como somos muito espertas, nós mulheres já identificamos várias dessas atitudes e bolamos planos para combatê-las. Aqui vão quatro delas explicadas e devidamente solucionadas para você poder diminuir os pedras no meio do seu caminho.

**NINGUÉM  
VAI  
PASSAR  
POR CIMA DE  
NÓS**

NO TUTORIAL DE HOJE:  
COMO IDENTIFICAR E LIDAR COM ATITUDES SEXISTAS NA VIDA E NO TRABALHO.

## MANTERRUPTING

### O que é?

Um homem interrompeu uma mulher enquanto ela falava. O mansinterrupting é uma realidade e estudos mostram que mulheres têm duas vezes mais chances de serem interrompidas do que os homens. É péssimo para nós porque, além de ser mais uma atitude de uma sociedade onde homens ainda acreditam que têm mais autoridade do que as mulheres, atrapalha nossa capacidade de ideias inovadoras e no mundo das vezes, nos impede de discutir nossas ideias e pontos de vista. Apesar de ser "man" (homem), é uma atitude que acontece entre mulheres também, então vamos ficar atentas para não repetir essa atitude com nossas amigas, tá bem?

### O que fazer?

Mostre que você não vai deixar ninguém te interromper enquanto falando. Faça que não ouça o pessoal que está te atrapalhando. Ou olhe para o pessoal com um cara de "já deu?". Ou diga "Sério que ainda para você falar, o resto de nós quer ir para casa". Qualquer coisa que o impeça de começar a falar.

## MANSPLAINING

### O que é?

Homens explicando tudo para as mulheres. Mesmo quando elas não sabem nada sobre o assunto. Eles querem explicar coisas que você já sabe, ou dizer com aquela patronária que você acabou de falar. Aparece todo hora e em todos os lugares e, no trabalho, você provavelmente vai encontrar uns desses. Ah! Mansplaining e mansplaining andam, no mundo das vezes, juninhos.

### O que fazer?

Não deixe ninguém te diminuir de nenhuma forma, inclusive intelectualmente. Mostre confiança e imponha respeito, principalmente quando você perceber que o cara não é nenhum especialista no assunto. Quando estiver "má-sé", não queira dizer que "só eu", "só ela, cara?" Vá lá mesmo pelo GRANDE contribuição no que eu acabei de explicar".



## MACHOCATRA

### O que é?

É o cara que não acha, mas tem certeza de que ele nasceu para ser superior. Que pensa que trabalhos domésticos são coisas de mulher. Por isso, mesmo que você esgancha o mesmo função onde trabalham, é para você que ele vai pedir um "cofuzinho" ou uma "aguarda".

### O que fazer?

Sabe o famoso "eu não sou obrigado"? Pois é, diga não-o. Não, não e não. E explique (se precisar, desenhá) porque você está dizendo não. É importante se posicionar e mostrar que você tem direitos e obrigações iguais e que ninguém está subordinado a ninguém.

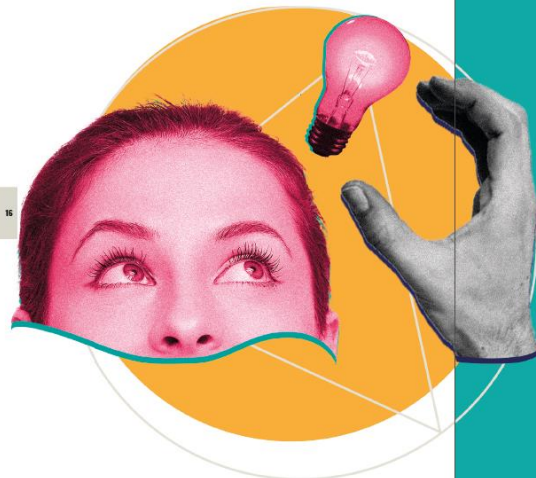
## BROPROPIATION

### O que é?

Significa que um cara se apropriou de uma ideia que é de uma mulher e ganhou os créditos por isso. Pesquisas mostram que quando mulheres e homens fazem um trabalho juntos, as pessoas (professores, chefes, colegas) tendem a achar que os homens são os que merecem os créditos, o crédito? Isso acontece várias vezes durante a História, um dos motivos pelo qual quase não escutamos muitos nomes femininos no espaço.

### O que fazer?

Primeiro, acerte e reconheça o crédito pelas coisas que você faz. Autossinta, menina! Segundo, lembre os outros de que a ideia tá aqui (e tenha prova disso). Terceiro, arrume sempre pessoas que te apoiem em casos de bropropriation.



UNA
EDIÇÃO NP1 / 2018

# VOCÊ ESTÁ SE SABOTANDO?

UM QUIZ SOBRE AUTOESTIMA FEMININA

**1** Você se considera uma pessoa confiante?

A. Muito

B. Não...

C. Para algumas coisas, sim. Outras, nem tanto.

**2** Você costuma tomar decisões que te afastam de coisas que passou um tempo planejando?

A. Quase sempre

B. Nunca nunca

C. Às vezes

**3** Você quer muito uma coisa. Muito mesmo. Mas, de repente, sem motivo aparente, você pensa "ah, talvez eu nem queira tanta".

A. Sempre rola

B. Nunca rola

C. Já rola

**4** Sempre que você faz alguma coisa, parece que existe um serzinho na sua cabeça falando "não está bom" ou "poderia ter ficado bem melhor".

A. O serzinho está sempre corrigindo

B. Nunca vi esse ser

C. Às vezes, ele aparece

**5** Antes de fazer alguma coisa, você pensa várias vezes e, mesmo assim, se sente inseguro.

A. Sim

B. Não

C. Algumas vezes

**6** Quando começa um projeto/trabalho novo, você pensa...

A. "Vai dar errado"

B. "Vai dar certo"

C. "Vamos ver..."

**7** Em uma competição, você pensa...

A. "Os outros são melhores que eu"

B. Eu me preparei, posso ganhar"

C. "Tem muita gente boa, mas eu acho que também tenho chance"

**8** Se alguém leva o crédito por algo que você fez, você...

A. Fica calada e espera ver se alguém percebe

B. Fala na hora, mostra que o crédito é seu

C. Fala com a pessoa que ganhou o crédito para dizer que não é justo

**9** Quando alguém te pede para realizar alguma tarefa nova, você pensa...

A. "Será que sou boa o suficiente?"

B. "Vou conseguir"

C. "Talvez seja difícil para mim, mas vamos ver"

**10** Quando te elogiam por alguma coisa, você...

A. Acha que não merece aquilo

B. Fica bem feliz e agradece

C. Fica tímida, mas feliz por dentro

**11** Quando comete um erro, você...

A. Começa a não se achar inteligente

B. Aprende com ele e bola para frente

C. Fica pensando naquilo, mas depois de um tempo isso passa

**EU MARQUEI...**

respostas A

respostas B

respostas C

UNA
EDIÇÃO NP1 / 2018

## RESULTADO

**Se você marcou mais A:**

Sim, você está se sabotando. E, infelizmente, a maioria das mulheres também. É mais comum mulheres pensarem assim do que os homens. Por que? A sabotagem é em grande parte um padrão que você aprendeu e seguiu desde a infância. Está ligada a repetição de determinadas ações inconscientes. Meninas criadas em uma sociedade que os homens são melhores e que mulheres são inferiores não poderiam aprender a agir diferente. Isso tudo gera insegurança (e muito) que podem te afetar na escola, na vida pessoal e, muito provavelmente, no trabalho. A sabotagem pode parecer mais fácil do que o sucesso, mas te faz muito mal. Por isso, é importante mudar esse pensamento o mais rápido possível! Como? Com autoconhecimento, consciência e se inspirando em outras pessoas. Também, pedindo ajuda a quem pode ajudar. Lembre-se: você pode fazer o que quiser e, sim, você é boa o suficiente.

**Se você marcou mais B:**

Você tem uma autoestima alta e isso é maravilhoso. Dá para ver que você é uma menina empoderada. Mas lembra que empoderamento é coletivo? Infelizmente, nem todo menino pensa assim. Existem muitas que acreditam não ser inteligentes, merecedoras e que desistem de seus projetos antes mesmo de começar. Então, agora é hora de ajudar suas amigas que ainda não estão como você. Seja inspiração para elas!

**Se você marcou mais C:**

Você já tem consciência de muita coisa, mas algo ainda te deixa inseguro e te impede de ser firme. Isso é muito compreensível porque, provavelmente, você cresceu dentro dos estereótipos de menino e menina. Te ensinaram que você pode ser ambiciosa, mas não muito, ou que pode querer o sucesso, mas não muito. Já os meninos, aprenderam o contrário. Um estudo, publicado pela revista Science, mostrou que meninas acreditam ser menos brilhantes que os meninos. Agora, você só precisa entender que não tem problema algum em ser mais firme e acreditar no seu potencial. Já bom?







# PROGRAME COMO UMA GAROTA

Há séculos, grupos femininos vêm lutando em prol de mudanças positivas para as mulheres. Sororidade é importante, é fortalecimento. Um exemplo disso é a PyLadies, uma comunidade de meninas que resolveram se unir em nome da programação. Percebendo que não havia motivos para a baixa presença feminina em cursos de informática e tecnologia pelo Brasil, começaram a se organizar para dar um jeitinho nisso. Confira a entrevista com a PyLadies do Distrito Federal. Quem sabe você se inspira e cria o seu grupo de mulheres também?

22

23

© 2018 PyLadies.org

**U:** O que é a PyLadies DF?

**P:** PyLadies é uma comunidade mundial que luta pela inserção de meninas na tecnologia e discute a participação das mulheres nessa área. A PyLadies está em mais de 40 países pelo mundo e em vários estados do Brasil. Portanto, a PyLadies DF é uma parte desse grande grupo.

**U:** Quais os objetivos da comunidade?

**P:** O objetivo da PyLadies é integrar meninas e mulheres e entrar em áreas de tecnologia, principalmente, tornando-as participantes e líderes na comunidade de linguagem de programação Python (ela é feita por meio de divulgação, educação, conferências, eventos e reuniões sociais).

**U:** Para quem é a PyLadies?

**P:** Para qualquer menina que se interesse por tecnologia, python ou que acredite que possa contribuir de alguma forma com o objetivo da comunidade.

**U:** Quais temas, assuntos e debates são abordados na comunidade?

**P:** São abordados tanto assuntos técnicos, como ferramentas e tecnologias para o desenvolvimento de softwares, quanto assuntos sociais, como feminismo, mulheres nas áreas de exatas, no mercado de trabalho, dentre outros.

**U:** Qual o perfil dos integrantes da comunidade?

**P:** A PyLadies DF tem pouco mais de 100 membros, desde meninas que estão começando o Ensino Médio, até mulheres já formadas. As áreas de formação também são diversas, como Ciência da Computação, Engenharia, Contabilidade, Ciência, Biologia, entre outras. Há também alguns membros no grupo, que se voluntariaram para dar apoio ao projeto.

Meninas de todo o Brasil podem fazer parte do grupo



24

**U:** Como funciona a gestão da PyLadies?

**P:** A PyLadies é uma organização sem fins lucrativos e horizontal, ninguém manda em ninguém. Portanto, a organização dos eventos, reuniões sociais, divulgações, dentre outros, é feita por meio de pessoas que se voluntariam. A parte financeira vem de patrocínio de empresas que acreditam na causa e do lucro obtido na venda de itens como camisetas e adesivos.

**U:** Por que a necessidade de um grupo que apoie mulheres a entrar em áreas de tecnologia?

**P:** Devido ao machismo na nossa história, muitas mulheres não se sentem capazes de entrar ou permanecer na área de TI. Um grupo que as apoie pode, portanto, inspirá-las e inspirá-las de modo que elas emergem que é uma área como qualquer outra e se sentem mais encorajadas. Além disso, o grupo também as apoia em questões como a de saber lidar com uma situação muito recentemente ser uma das únicas mulheres em seu ambiente acadêmico ou de trabalho. Em 2017, a ONU Mulheres divulgou alguns dados que dizem que apenas 25% da força de trabalho digital era feminina e somente 18% dos títulos de graduação em Ciências da Computação eram de mulheres. Além disso, divulgaram que 144 países em desenvolvimento aumentaram o PIB em 8 trilhões de dólares, se 100 milhões de mulheres e meninas tivessem acesso às áreas de ciência, tecnologia e inovação.

Então, além disso tudo, mais mulheres na TI é também uma questão política e econômica, uma vez que seres humanos, muito capazes, estão deixando de contribuir para a sociedade por cause de discriminação e preconceito.

**U:** Então vocês dizem que, dentro da comunidade, é notável inseguranças, medos e dúvidas sobre a própria capacidade por parte das mulheres que trabalham no área? Quais os possíveis motivos?

**P:** Sim. Em um evento que participamos, uma das coisas mais gratificantes foi ouvir de uma das meninas que a programação não é um bicho de sete cabeças, que



É melhor "fazer um" primeiro antes de 10 outros.

25



é algo possível. Achamos que o motivo de muitas meninas terem essa visão é a falta de incentivo desde a infância. Enquanto algumas meninas ganham jogos que exercitam raciocínio lógico, as meninas ganham fogões e bonecos. Depois, crescem ouvindo que meninas, geralmente, não fazem em certas áreas e outras não. Então, elas olham para os cursos e não se encaixam lá. Tudo isso contribui para que elas não se sintam seguras e capazes de ingressar ou permanecer na área.

*"Enquanto alguns meninos ganham jogos que desenvolvem raciocínio lógico, as meninas ganham fogões e bonecos."*

**U:** Então a área da tecnologia é marcada por estereótipos de gênero?

**P:** Sim. Infelizmente, no mercado de trabalho e na área acadêmica, a maior parte das pessoas são homens e, por isso, muitas de nós acreditam que não é um ambiente "para mulheres". Muitas vezes, há também poucas negras e pessoas LGBTQ+.

**U:** Como esses estereótipos prejudicam vocês?

**P:** Muitas mulheres se sentem desmotivadas a entrar na área, uma vez que não se veem representadas. Além disso, por serem minoria e estarem inseridas em ambientes machistas são muitas vezes, diminuídas por meio de mansplaining e gaslighting, por exemplo, ou sentem falta de suporte, por não se sentirem confortáveis em pedir ajuda aos colegas.

**U:** Como a colaboração feminina contribui para as mulheres na área da tecnologia?

**P:** As mulheres passam a se enxergar melhor representadas na área, se sentem mais confortáveis para buscar conhecimentos, tirar suas dúvidas e, também, para assumir lideranças, sem ter suas decisões e sua capacidade questionadas. Ou mesmo sabendo lidar melhor e tendo mais suporte quando isso acontece.

**U:** Por que mulheres devem colaborar umas com as outras, em geral?

**P:** Pois o machismo na nossa história teve e tem várias consequências ruins para as mulheres. Criou-se um falso sentido de competitividade a ideia de que as mulheres não são capazes de algumas coisas ou possuem um papel específico. É importante que as mulheres se unam para combater essas falsas ideias e servir de apoio para que outras mulheres possam se enxergar suas capacidades e alcançar o lugar que realmente querem estar.

**U:** Quais situações sexistas no trabalho/universidade mais comam vocês comparam?

**P:** São várias situações dentro do machismo e da cultura sexista em que vivemos, como retrato negativo, dúvida sobre a capacidade feminina, pouco estímulo familiar e escolar, diferenças salariais, piadas, entre muitas outras.

**U:** Como enfrentar essas situações, no opinião de vocês?

**P:** Em casos de assédio, é de extrema importância que se façam denúncias. Procure grupos responsáveis por isso na universidade ou no trabalho e não deixe de denunciar. E, para todos os casos, procure o suporte de outras mulheres. É importante você levantar sua cabeça e desvalorizar as situações, mostrar que você não aceita certas coisas. Mas nem todas as mulheres conseguem fazer isso, então, procure o suporte de outras mulheres ao seu redor e nunca se sinta obrigada a estar em um ambiente tóxico. Também não dese de fazer o que você quer por causa de machismo, busque apoio para alcançar seus objetivos.

**U:** Qual dica vocês dariam para meninas que estão entrando e começando a conhecer o mundo profissional agora?

**P:** Se mantenha sempre atualizada. Isso ajuda muito na tomada de qualquer decisão. Se posicione contra atitudes sexistas, desde agora e em qualquer ambiente. Essa atitude vai contribuir futuramente para um ambiente de trabalho melhor. Não se diminua, acredite em você e não deixe que questionem sua capacidade. Procure apoio feminino. Busque comunidades, compartilhe experiências e aprenda com outras mulheres.

## Glossário #2

**Software:** conjunto de componentes lógicos de um computador ou sistema de processamento de dados.

**Python:** é uma linguagem de programação muito popular, que foi criada na década de 80. Ela é usada para criar sites e softwares científicos, por exemplo.

**TI:** Tecnologia da Informação. é um conjunto de todas as atividades e soluções providas por recursos de computação.

**Gaslighting:** é quando uma pessoa diz que você está louca e, assim, tenta invalidar seus sentimentos ou atitudes.

**LGBTQ+:** sigla que representa lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queers e outras sexualidades, como pansexuais.



Companheira me ajuda  
Que eu não posso andar só,  
Eu sozinha ando bem  
Mas com você ando melhor



## COSTURANDO LAÇOS DE FORÇA

Conheça o Maria Costura, um projeto de colaboração feminina da Cidade Estrutural, no Distrito Federal (DF)

30

Situado em uma sala na Cidade Estrutural, no DF, o Maria Costura é um coletivo de mulheres que funciona como espaço de oficina de costura. O projeto serve como uma forma de emancipação econômica feminina para que as integrantes se desenvolvam, fortaleçam e criem novas perspectivas que ultrapassem o ambiente doméstico.

O grupo surgiu há 17 anos com 24 mulheres e teve, como objetivo, criar uma cultura de colaboração e promover a profissionalização e geração de renda para famílias em situação de vulnerabilidade social por meio da costura. Depois de algum tempo tendo apoio de um projeto com fundos religiosos, o coletivo começou a ser gerido pelas próprias costureiras. Aíres, tinha o nome "Viver costurando", mas passou, então, a se chamar "Maria Costura" (o que, na época, a maior parte das integrantes se chamava Maria). A partir disso, questões como trabalho conjunto, autogestão e a produção solidária ficaram mais fortes entre elas. As artes produzidas, como chamam, são vendidas em feiras locais.



Iracilde aqui costurando e aprendendo a ser artesã. Costura para independência para as mulheres.

31

Iracilde da Silva Oliveira, 47 anos, faz parte do projeto desde o início e, hoje, ajuda a coordená-lo. Ela afirma que o Maria Costura serve como meio de qualificar mulheres para ganharem seu próprio dinheiro e se tornarem independentes. A costureira já teve outros empregos paralelos, mas diz que, atualmente, frequenta o coletivo todos os dias, principalmente, por causa da convivência entre as colegas. Para ela, a colaboração mostra que as mulheres são capazes e, uma prova disso, é ver o desenvolvimento de cada uma dentro do grupo.

O coletivo, agora composto por nove mulheres, funciona como local de capacitação e aprendizado, onde são ensinadas novas técnicas como o Patchwork e a confecção de ecobags, feitas com material reaproveitado. Apesar da falta de apoio e investimento, recentemente, a iniciativa recebeu um incentivo do Banco do Brasil e irá reiniciar as aulas no próximo ano com mais 45 pessoas, divididas em três turmas. Além disso, o Maria Costura ganhará 11 máquinas novas. Para as integrantes, essa novidade marca um novo ciclo no projeto.

Marineth aprendeu a ser artesã e representa a independência financeira.



## MULTITAREFAS

Marineth Rodrigues Dias, 49 anos, nasceu na roça e aprendeu, desde cedo, a cuidar da casa. Começou a trabalhar com 7 anos de idade e é costureira há mais de 20. Foi, também, catadora no aterro sanitário da Estrutural. Hoje, faz bordado, crochê, tricô e é apaixonada por Patchwork. "É um trabalho maravilhoso, uma terapia sem remédio. Vou, estando ali na máquina, esqueço do mundo lá fora", afirma.

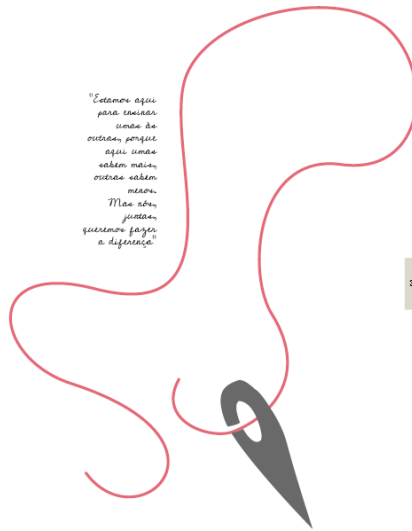
32

Conheceu o Maria Costura por meio de uma amiga que já fazia parte da comunidade. Integrante do projeto há 10 meses, Marineth afirma que ela mudou a sua vida completamente e adora, principalmente, conviver com as outras meninas. "Estamos aqui para ensinar umas às outras, porque aqui umas sabem mais, outras sabem menos. Mas nós, juntas, queremos fazer a diferença".

Quando perguntada sobre sua profissão, Marineth diz que é costureira, dona de casa e estudante. Já fez mais de sete cursos no Instituto Federal de Brasília (IFB) e começou a estudar administração. Mãe de dois filhos, tem jornada dupla como muitas mulheres: trabalhar dentro e fora de casa. "Às vezes você chega em casa cansada do serviço e tem que lavar roupa, por exemplo. Mas, nós (mulheres) não somos só fardo e fogão. Isso ali não existe mais. Só existe no cabeça desses machistas que acham que as mulheres não estão preparadas para outras coisas", diz.

A costureira acredita que ainda existe uma grande defasagem quando a questão é igualdade de salários entre gêneros porque algumas pessoas ainda pensam que mulheres devem ganhar menos, mesmo exercendo o mesmo papel que o homem. "Eu creio que estamos caminhando para mudanças. Nós podemos tudo, só basta querer e fazer, porque damos conta. Não podemos ficar esquecidas. Antigamente, nós nem existíamos, não tínhamos direito de falar, de votar. Mas, nós temos que comer atrás, porque somos mulheres e somos capazes. Capazes de ser nós, dona de casa, trabalhar fora, ter o próprio dinheiro, ter independência e não ser obrigada a dar satisfação a ninguém", comenta.

"Estamos aqui para ensinar umas às outras, porque aqui umas sabem mais, outras sabem menos. Mas nós, juntas, queremos fazer a diferença"



33



24

"Você tem cara de...". Foi essa frase, de vários formatos, várias maneiras, que a Ana teve que crescer ouvindo. Ana riace e bum. "É uma menina lá tem cara de Beatrix", disse o pai. "Vai ser Ana Beatrix", disse a mãe.

"É uma menina e rosa é o cara de meninas". É bum. Um quarto todo rosa, bonecas com vestidos rosas, kits de cozinha, maquiagem, tudo rosa. Quem diria que Ana preferiria mesmo o amorso? E que não teria professora que tirasse aquele lápis da mão dela.

Ana fez karatê. Fez ballet também. Mas, mesmo ouvindo que "karatê é coisa de menino. Menina tem cara de bailarina", depois do primeiro faixa conquistada, o coração de Ana só queria saber do tatame.

E quando Ana, aos 13 anos, só pensava mesmo de ler seus livros do Harry Potter, na casa das avós, só escutava "o o namoradinho?". E foi assim até os 16. Arrumar um namoradinho para depois casar com alguém que fosse "a cara dela" parecia muito importante. Mas bum. Ana conheceu a Júlia e começou a escutar cochichos para todo o lado de pessoas que pensavam que "a Ana não tinha cara de menina".

Aos 18 anos, Ana decidiu que queria dar aula de karatê. Ser professora? Por que Ana não queria fazer universidade e ganhar dinheiro? Ana nem deu ouvidos e foi dar aula. Ainda bem, porque ela foi uma excelente professora.

Com 22, mudou de ideia e foi fazer vestibular. Passou para engenharia automobilística. "Engenheira? Você não tem cara de engenheira." Por que não escolhe algo mais feminino? "E você acha que vão contratar uma mulher? Mulher nem dirige direito". Muitas vezes, Ana teve que fingir que nem estava ouvindo.

Realmente, não foi muito fácil para Ana cursar engenharia com uma sala com 30 meninas e só 5 meninos. Não foi fácil ser professora e colega que dividiam da capacidade dela só por ser mulher. Mas bum. Diploma na mão. E, no trabalho, Ana foi muito bem. Hoje, é líder no setor da empresa que trabalha. Mas teve que ouvir também, por ser mulher e negra, que "não tem cara de chefe".

Ana é feliz da vida. "Vou muito bem, obrigada". Construiu seu próprio carro elétrico. Sabe qual cor? Amarelo. Ana, além de engenheira, ainda dá aula de karatê (agora só para as filhas). Engraçada, ela não tinha cara de nada disso. Ainda bem que a gente tem cara do que quiser, não é?

25



## FEMININIS PIRAÇÃO

O mundo está cheio de meninas e mulheres inspiradoras. Meninas que nos inspiram a fazer sempre mais. Mulheres que nos fazem sentir representadas. Aqui vão algumas figuras femininas que são destaque no que escolheram fazer.

26



**MC Soffia**  
(Rapper – 14 anos)

Soffia é exemplo de que, independentemente da idade, podemos sempre fazer a diferença. A rapper faz músicas sobre racismo, empoderamento negro e autoaceitação desde os 6 anos! Nasceu no periferia de São Paulo e já fez vários shows, inclusive no abertura dos Jogos Olímpicos do Rio 2016, junto com Karol Conká (outra mulher inspiradora). Soffia já apareceu também na lista da Vogue das pessoas mais influentes e criativas do mundo.

27

**Malala Yousafzai**  
(Ativista - 21 anos)



Nem os armamentos matam! Foi isso que a paquistanesa jovem Estudante de História política e economia (ou seja, não é médica) na universidade de Oxford, no Inglaterra, defendeu do direito à educação para meninas. Teve que enfrentar até o Talibã que, na tentativa de silenciá-la, disparou três tiros contra ela, em 2012. Felizmente, Malala sobreviveu e criou o Malala Fund, organização que faz acontecer todo seu objetivo. Já fez discurso na ONU e arrasou! Está na lista dos 30 jovens mais influentes do mundo. E o mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da Paz (ganhou com 17 anos), sendo esse só um dos prêmios que recebeu.

UNA

Sônia é do povo indígena Guajajara/Tenishá. Formada em Letras e Esferações, fez pós-graduação em Educação Especial e luta em nome dos direitos dos povos originários. Já recebeu várias prêmios e honras, como o Prêmio Diáspora do Museu Cultural 2015. Foi convidada pelo cantor Alceu Keijó para discursar no Rock in Rio. E graças também! Além disso, foi a primeira indígena em uma pré-candidatura presidencial.



**Sônia Guajajara**  
(Política/Ativista - 44 anos)

38

Com apenas 20 anos, a sriya Yusra fez parte da primeira equipe Olímpica de Atletas Refugiados nos Jogos do Rio em 2016. Lançou um livro chamado Bateria, onde conta tudo que passou quando teve que fugir da Síria e se mudar para o Alemanha. A nadadora foi nomeada a mais jovem Embaixadora da Boa Vontade do ACNUR, a Agência da ONU para Refugiados. Foi também nomeada como uma das 25 mulheres que estão mudando o mundo pela revista People e uma das 50 adolescentes mais influentes pela Time de 2016.



**Yusra Mardini**  
(Nadadora - 20 anos)

EDIÇÃO Nº1 / 2018



Wendy é uma das melhores mulheres jazz que existiram. Pioneira da música eletrônica, estudou música e flauta na Universidade Brown, nos EUA. Produziu um dos álbuns mais influentes do gênero de todos os tempos, o "Switched on Bach" - reconstrução eletrônica das seis "Concertos de Brandeburgo" de Johann Sebastian Bach. A obra ganhou três Grammys e quebrou as fronteiras entre música clássica e a feita com sintetizadores. Também compôs e gravou músicas para o trilha sonora do filme Laranja Mecânica e O Iluminado.

**Wendy Carlos**  
(Compositora - 78 anos)

39

Poderíamos ficar horas (ou melhor, páginas) falando sobre quem é essa mulher. Mas não leve uma infância nada fácil (até forma piano) e, com bastante esforço e dedicação, se tornou essa atriz talentosa e poderosa. É a única mulher negra com três indicações ao Oscar. A única mulher negra a receber o Emmy de melhor atriz. Já ganhou outros vários prêmios como o Globo de Ouro. Ah! A revista Time a elegeu como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo.



**Viola Davis**  
(Atriz - 53 anos)

UNA

Agora é a sua vez de fazer uma lista de mulheres que te inspiram!

1

2

3

40

EDIÇÃO Nº1 / 2018

4

5

6

41

Quer compartilhar sua lista com o gente?  
Envie para  
contato.revistauna@gmail.com



## VOCÊ VAI PRECISAR DE:

EDIÇÃO Nº1 / 2018

- 3 xícaras de representatividade
- ½ xícara de chá de autoestima e crédito pessoal
- 2 colheres de sopa de sororidade
- 1 colher de sopa de ação afirmativa
- 1 litro de empoderamento
- 1 tablete do "kit postura poderosa" (saber dizer "não" e confiar)
- 1 pitada do elemento X (esse aqui pode ser encontrado dentro de você, é a força que já nasceu no seu interior)
- 3 pedacinhos de unha de alguém com atitudes sexistas



## MODO DE PREPARO:

Tire as pedras de unha até virarem pó e jogue-as na fogueira.

Pré-aqueça o caldeirão e despeje o empoderamento nele. Deixe ferver.

Despeje sororidade, ação afirmativa e a representatividade. Espere borbulhar.

Adicione autoestima, crédito pessoal e o "kit postura poderosa" e misture até ficar homogêneo.

Deixe aquecer por 10 minutos.

Acrescente o elemento X.

Deixe esfriar ao ar livre e despeje tudo em um recipiente com coroa gata.

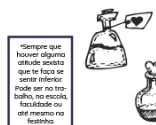


## MODO DE USAR:

Tome 2 gotinhas ao acordar e 2 antes de dormir. Leve com você dentro do mocho ou bolsa e use também em casos de emergência!

Compartilhe a receita com o máximo de mentiras que você puder!

Obs: só para usar essa poção como bombardeio de sair espalhando por aí também.



“Sempre que houver alguma atitude sexista que te faça se sentir inferior. Pode ser no trabalho, na escola, facultade ou até mesmo na festinha.”

# MULHERES NEGRAS E IRMANDADE

por Wemmilis Anta  
Ceilândia - 14/10/2018

Para escrever esse texto, respigui memórias fundamentais na construção da minha identidade. Me entendo como negra e sempre senti os efeitos do racismo nas suas expressões concretas, mas o coser da minha identidade racial veio de modo retardatário, com o avançar da idade.

Logo entendi que faz-se necessário conhecer e preservar a história para, só assim, consolidar ações mais igualitárias. E, pensando nisso, venho compartilhar referências brasileiras que antecederam o debate feminista. Um super exemplo que merece pesquisa: a Irmandade do Rosário, que teve sua fundação no século XIX, em Salvador, vindo posteriormente a estabelecer-se na cidade de Cachoeira no Bahia. Não se sabe exatamente a motivação de tal mudança, mas há justificativas que corroboram pelo opção de preservação de questões religiosas que envolvem saberes ancestrais de origem africana, juntamente com a perseguição que se abateu sobre os africanos e seus descendentes após o Rebelião dos Malês.

Andando século XIX, as mulheres da Irmandade vendiam quitutes e, com o lucro das vendas, ajudavam seus afiliados e outros negros, fugidos da escravidão, pagando suas alforrias. Ainda hoje, elas preservam essa motivação inicial, em memória ao sofrimento das escravizadas pelo busca da liberdade e, dessa forma, se mantêm um exemplo notório de luta e resistência contra o escravismo. São, portanto, revolucionárias desde aquela época. Transformaram a falta de mercado do sistema escravocrata em oportunidade de viabilizar a liberdade de seu povo. Encontraram e

encontram meios capazes de solucionar questões relacionadas à redução da pobreza e desigualdade, em um cenário nada propício à participação ativa da mulher, com ênfase nos mulheres negros.

O que vale ressaltar que elas foram as primeiras e únicas que se mantêm até hoje, como irmandade constituída apenas por mulheres negras, nas Américas de projeção mundial, dando origem aos primeiros cultos afro-brasileiros que incidiram o candomblé como religião, ainda que, se identifiquem como confraria afro-católica brasileira, todas atribuem a elas a luta antiescravista, a favor da liberdade. Não vou focar na sua atuação religiosa e seus rituais secretos, pois, seria muito audacioso, hoje visto, o empenho de vários pesquisadores como Mariana Fernandes, mestrande pela Universidade de Brasília, mulher que generosamente estendeu o acesso desse texto, mas sim focar no trabalho de impacto que essa mulheres proporcionaram.

As mulheres integrantes da Irmandade do Rosário foram esse trabalho muito antes que as feministas, sendo importante destacar que elas não tiveram contato com essas representações, não sendo justo tentar encaixá-las no viés de matriz europeia. Assim, como todo movimento social, o feminismo da longidões tempo teve que responder novas demandas que iam surgindo. Reconhecendo, assim, as desigualdades latentes dessas novas sujeitos sociopolíticas e culturalmente distintas, que reclamavam também não só o direito de existir, das pontas feministas, mas se sentir pertencente. Para isso, era preciso dialogar, pois

o reconhecimento da singularidade dessas mulheres precisava ser contemplado e já não se encaixava no modelo inicial.

Por isso, destaco-se o trabalho desenvolvido pelas pesquisadoras que se identificam como Mulheristas Pan-Africanas. Ele reconhece a pluralidade das experiências das mulheres pretas de África e, deixado em segundo plano nas discussões libertárias, não se propondo a ser universal, mas buscando consolidar suas matrizes a fim de gerar saberes libertários para esse segmento que sempre foi excluído. Propondo, também, uma nova cultura de inclusão que respeite as diferenças, de caráter educativo, a esse controle "democrático" social que é excludente.

É uma perspectiva de gênero que ainda está em processo, inacabada, mas permitivo, reafirmo como uma verdadeira teoria. Que não se limita ao seu objeto inicial, mas que se insere na conjuntura societária, reconhecendo inclusive o racismo como fator estruturante, sendo via que não pode ser deixado em segundo plano nas discussões libertárias. Da mesma forma que essas leituras ampliam o meu entender sobre o ser mulher e, principalmente, enquanto negra, se convida a aprofundar um pouco mais também. Fica o dica: o saber só faz sentido se coletivo. Quando uma avança, nenhuma outra retrocede. Precisamos descolonizar os saberes para multiplicar o conhecimento de forma equitativa.



## QUEM DÁ DICA, AMIGA É

Mais uma dose de inspiração, porque nunca é demais. Essa lista foi feita para você ler, assistir e ouvir conteúdos que vão te fazer sentir mais poderosa como menina e mulher.

46

### FILMES

**Parisópolis** é um filme que vale a pena assistir. A animação francesa, de 2007, fala sobre diversas tipos de luta feminista. O filme tem muito humor e mostra a transformação de uma menina em mulher durante a República Islâmica.

Lembra que existem várias mulheres que fizeram história e não ficamos sabendo? O filme **Estrelas Além do Tempo** (2017) conta a história de três mulheres afro-americanas que formaram uma das equipes da NASA mais importantes para a história dos Estados Unidos. Elas lideraram uma das maiores operações tecnológicas do país durante a corrida espacial entre os EUA e Rússia.

### YOUTUBE

Paroquiam gosta de assistir vídeos no YouTube, o canal **Jot/Jout Prozeres** é um excelente lugar para aprender, ler e se inspirar. Além de ser um exemplo de mulher que manda muito bem no que faz, ela aborda vários assuntos feministas, incluindo questões de estudo e trabalho.

Além desse canal, outro muito legal (e para lo de inspirador) é o **TEDx Talks**. Nele, você vai achar muitos discursos inteligentes sobre os mais diversos temas. Não faltam vídeos de dicas feministas que vão te fazer ter certeza de que você é capaz do que quiser.

Precisamos incentivar o trabalho das artistas, principalmente, daquelas que, por meio da arte, passam mensagens de solidariedade, valorização feminina e incentivam meninas e mulheres a serem sempre mais conscientes da própria força e beleza. Junto com MC Soffia, a rainha Beyoncé é uma cantora que não pode faltar na sua lista.

Gosta de histórias em quadrinho como a da página anterior? O mundo está cheio de meninas e mulheres que trabalham com isso. A **Coloristas** um exemplo disso. Os quadrinhos são tão lindos, engraçados e cheios de mensagens poderosas. Você pode encontrá-las no Instagram @coloristas.

47

### REVISTAS

**Adriana e Capitânia** são duas revistas feitas por meninas e para meninas que abordam vários temas sobre empoderamento feminino. Nas duas revistas, você vai achar muitos conteúdos relacionados a estudo e trabalho e sobre outros temas muito interessantes também. Você pode acessar o conteúdo pelas sites [www.adriana.com.br](http://www.adriana.com.br) e [www.revistacapitania.com.br](http://www.revistacapitania.com.br).

Já nos livros, temos uma lista grande de indicações, mas, para esta edição da revista, optamos por **Histórias de Menor para Garotas Rebelde** e **2**, das autoras **Francisca Cavalli** e **Denise Frates**. Os livros são compilações de histórias sobre mulheres inspiradoras (artistas, ativas, cientistas, escritoras, etc). É tudo que uma menina deveria ler e ouvir para não achar que ainda é criança nos contos de fadas, onde as mulheres são personagens magras e submissas.

### ARTISTAS

## E OS MENINOS? ONDE ELES ENTRAM?

Você pode estar pensando agora que a luta por um mundo profissional está sendo feita, somente, nos olhos das mulheres... mas não necessariamente. Homens e meninas têm muito para contribuir nessa jornada e são parte importantíssima dela. É simples! Aqui vão algumas perguntas sugestivas e, para ficar ainda mais fácil de entender, desenhemos (assim dá até para você tirar uma foto dessas páginas e mandar para seu irmão, pai, tio, amigo ou crush, #compartilho)

48



NOS DEIXA FALAR (SEM INTERROMPER)



E SE OUTRO MENINO INTERROMPER, INTERROMPA-O



NOS CHAME PARA FAZER PARTE



RECONHEÇA E DÊ CRÉDITO ÀS NOSSAS CONQUISTAS

É importante saber que os meninos também são criados dentro da sociedade patriarcal e dentro de "papéis de gênero". E nessa tarefa, também, não apoiar esses padrões. Como? Lembrando que meninos brincam de boneca, dançam, etc, por exemplo. E que isso não é motivo de piada porque não tem nada a ver com gênero ou opção sexual. Assim, a gente desconstrói o patriarcal e, por consequência, nos ajudamos também.

49

# UNA

Copyright dos textos 2018 by Valéria Sandri  
Copyright das ilustrações 2018 by Ayana Sato

PRODUÇÃO / PROJETO GRÁFICO /  
DIAGRAMAÇÃO / TEXTOS Valéria Sandri  
ILUSTRAÇÕES Ayana Sato  
COLAGENS João Paulo da Silva

AGRADECIMENTOS  
Adriano Sandri  
Felipe Poljara  
Gabrielo Freitas  
João Portales  
Juliana Zoccolli

CONTATO:  
contato.revistauna@gmail.com



COLABORAÇÃO FEMININA  
NINATRABALHOMENINAS  
NASORORIDADECOLABORAÇÃO  
LABORAÇÃO FEMININA  
NATRABALHOMENINAS  
SORORIDADECOLABORAÇÃO  
RAÇÃO FEMININA  
BALHOMENINASORORIDADE

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há um só jeito de abordar o feminismo. Na realidade, não há só um feminismo. O movimento está em constante construção, debate e fortalecimento. Há coisas que já foram conquistadas nessa luta, mas, com certeza, ainda há muito pelo que lutar.

Portanto, este trabalho defende que o feminismo vai além da igualdade de gênero. Querer um mundo “igual” seria impossível. Somos seres singulares. Mas, é imprescindível lutar para que as situações “desiguais” não signifiquem subordinação, desvalorização ou preconceito. Queremos que essas diferenças formem diversidade e sirvam para que possamos aprender com elas.

Nessa luta, nós, mulheres, precisamos nos juntar e ajudar umas às outras, sem rivalidades e concorrências, sem excluir nenhuma mulher. Assim, aos poucos, acabaremos com as opressões que nos cercam e conquistaremos nosso lugar de voz e nossos direitos. União, colaboração e sororidade formam a base para o empoderamento feminino.

Com consciência, alcançaremos tudo isso e nos fortaleceremos para desconstruirmos o patriarcado. É preciso que a sociedade tenha a noção básica sobre o que é o feminismo. E é só por meio de um feminismo que atenda às necessidades de meninas e mulheres – e também de meninos e homens –, com linguagens acessíveis, que faremos um movimento para o bem de todos.

A universidade certamente serve como espaço para que isso seja concretizado. Tornar teoria em uma comunicação mais próxima da sociedade foi parte fundamental deste projeto. A revista foi um meio que se mostrou um ótimo canal de comunicação entre o tema e o público jovem, pela diversidade de estilos de escritas e linguagens que podem ser abordadas.

A UNA mostrou que podemos começar essa conscientização com jovens meninas, quebrando, desde cedo, estereótipos machistas, aumentando a autoestima delas e as deixando mais preparadas para as situações cotidianas que, se já não fazem parte da vida dessas meninas, logo virão a fazer. Assim, começamos também a questionar a forma que educamos nossas crianças. Quantas meninas poderiam virar engenheiras se os pais as deixassem brincar com carrinhos, por exemplo? Quantas meninas e mulheres poderiam deixar de se sentirem obrigadas a exercer jornadas duplas de trabalho se os homens aprendessem a dividir tarefas domésticas? Adichie



(2017) diz que, se for medir o potencial de uma menina, “não a meça pelo que uma menina deve ser. Meça-a pela melhor versão de si mesma” (p.26).

A confecção de uma revista como projeto de conclusão de curso certamente demandou muito tempo e dedicação, pois o desafio proposto foi de construí-la quase inteiramente sozinha – tirando a parte das ilustrações, feitas pela Ayana Saito, e das colagens, feitas por João Paulo da Silva. Como eterna aprendiz sobre o feminismo e sobre a Comunicação, a revista deve seguir sendo aprimorada e, se levado a frente, o projeto deverá sair do âmbito acadêmico, alcançando o público que foi proposto. Como defendido ao longo do trabalho, no futuro, a revista UNA poderá se concretizar por meio de outras formas de colaboração.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Companhia das Letras. 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.
- AMBROSE, Gavin e HARRIS, Paul. **GRIDS**. Porto Alegre: Bookman. 2009.
- AMBROSE, Gavin e HARRIS, Paul. **LAYOUT**. Porto Alegre: Bookman. 2012.
- BENNETT, Jessica. **Clube da luta feminista – Um manual de sobrevivência para um ambiente de trabalho machista**. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2016.
- BRITO, Cristiana Xavier de. **Mulher Alfa: liderança que inspira**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BROWNE, Clara; PIÑEIRO, Lorena; SOTER, Sofia. **Capitolina – o poder das garotas**. São Paulo: Editora Schwarcz. 2015.
- CEZZAR, Juliette e APFELBAUM, Sue. **Designing the Editorial Experience**. Massachusetts: Rockport Publishers. 2014.
- COLLARO, Antonio Celso. **Produção Gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo: Pearson. 2008.
- GUIMARAES, Nadya Araujo. A Igualdade Substantiva e os Novos Desafios nas Relações de Gênero no Trabalho. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, maio/agosto de 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44611/31762>, acesso em: agosto de 2018.
- HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody**. Nova York: South End Press. 2000.
- MONTINEGRO, Monaliza. Por que o feminismo é tão importante no contexto atual brasileiro? **Justificando**. Disponível em: <http://www.justificando.com/2016/06/28/por-que-o-feminismo-e-tao-importante-no-contexto-atual-brasileiro/> , acesso em: agosto de 2018.
- ONU MULHERES. Princípios de Empoderamento das Mulheres. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/> , acesso em: agosto de 2018.
- ROBERTS, Lucienne. **Grids: Soluções Criativas para Designers Gráficos**. Porto Alegre: Bookman. 2009.
- SAMARA, Timothy. **Guia de design editorial**. Porto Alegre: Bookman. 2011.

## 9. APÊNDICES

### 9.1 REFERÊNCIAS GRÁFICAS

#### REFERÊNCIAS



